



148

Sumário



INTRODUÇÃO	5
Comunidades Quilombolas e o Rio São Francisco	8
Objetivo	8
Metodologia	10
Atividades Desenvolvidas	14
Comunidades Quilombolas na Calha do Rio São Francisco	14
Calha e Margem Fundamentos Jurídicos	15
Margens e Planícies aluviais e relevo Fundamentos Físicos de "Calha"	17
Municípios que estão na Calha do Rio São Francisco	18
O Médio São Francisco	19
O Sub-Médio São Francisco	20
Quilombolas na Margem e Calha do Rio São Francisco	21
Ocupação dos Quilombolas no Médio São Francisco	22
Ocupação dos Quilombolas no sub-Médio São Francisco	22
NATUREZA E TERRITORIALIDADE DOS QUILOMBOS NA CALHA DO RIO SÃO FRANCISCO	24
ABARÉ - BA	26
Geral	27
Fatores Bióticos e Físicos:	27
Solos	27
Vegetação	28
Relevo	28
Geologia	28
Comunidade de Bom Jesus – Município de Abaré BA	28
Histórico da Comunidade de Bom Jesus	29
Relação dos moradores da comunidade de Bom Jesus com outros proprietários	30
Infra-estrutura	31
Estrutura Viária	31
Estrutura Sanitária	31
Infra-estrutura energética	32
Habitações	33
Caça:	33
Práticas Culturais	34
SANTA MARIA DA BOA VISTA - PE	34
Geral	35
Saúde	35
Educação	35
Saneamento	35
Economia	36
Fatores Bióticos e Físicos:	36
Relevo	36
Vegetação	36
Clima	37
Solos	37
Geologia	38
Comunidade do Serrote – Município de Santa Maria da Boa Vista PE	38
Histórico da Comunidade de Serrote	39
Comunidade de Serrote	39
Infra-estrutura	40
Estrutura Viária	40

(149)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO RIO SÃO FRANCISCO



Saneamento:	40
Infra-estrutura energética	40
Práticas Culturais.....	41
Caracterização espacial do território da Comunidade do Serrote	41
Uso dos Recursos Naturais.....	42
Atividades Produtivas	42
Agricultura	43
Criação de Animais	44
Pesca.....	45
Comunidade do Nhanhum – Município de Santa Maria da Vitória PE.....	46
Histórico da Comunidade de Nhanhum	46
Práticas Culturais.....	46
Comunidade do Cupira – Município de Santa Maria da Boa Vista PE	47
Educação	48
Agricultura	48
Comunidade do Tamaquiu – Município de Santa Maria da Boa Vista PE.....	49
Histórico da Comunidade de Tamaquiu.....	49
XIQUE-XIQUE.....	51
Relevo.....	52
Clima	52
Vegetação	52
Fauna	53
Unidades de Conservação:	54
Área de Proteção Ambiental Dunas e Veredas do Baixo Médio São Francisco.....	54
Criação Animal	55
Comunidade Quilombola do Vicente no Município de Xique Xique.....	56
Escolaridade	58
JUAZEIRO.....	60
Comunidade Quilombola Barrinha da Conceição - Município de Juazeiro.....	60
Histórico da Comunidade Barrinha da Conceição:	60
Agricultura	61
Saneamento	61
Criação Animal	62
Saúde	63
Educação	63
Comunidade Quilombola Barrinha Do Cambão - Município de Juazeiro.....	64
Saúde	64
Saneamento	65
Criação Animal	65
BOM JESUS DA LAPA	65
Comunidade Quilombola – Araçá – Cariaca – Bom Jesus da Lapa.....	66
Conclusão:.....	68
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	70

INTRODUÇÃO



O Trabalho intitulado Diagnóstico espacial das comunidades Quilombolas localizadas ao longo da Calha do Rio São Francisco tem como metodologia:

- I. Levantamento de informações preliminares sobre territórios ocupados com comunidades quilombolas junto a instituições e cadastros públicos, objetivando informações documentais existentes para subsidiar o planejamento do diagnóstico das comunidades;
- II. Incursões a campo envolvendo visitas, entrevistas, aplicação de questionário para a coleta e registro de informações e atividades de demarcação territorial das comunidades quilombolas;
- III. Elaboração de relatório técnico em conformidade com o dispositivo na Instrução Normativa N.20/2005 do INCRA, que regulamenta o procedimento para a identificação, para o reconhecimento, delimitação, demarcação, desintrusão, titulação e registro das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos. É importante citar que cada RTID de Comunidade diagnosticada deverá futuramente ser desenvolvido.

O presente relatório aqui apresentado se refere às etapas I e II do Diagnóstico de Comunidades quilombolas ao longo da Calha do Rio São Francisco na região sub-médio e médio do Rio São Francisco, portando, faltando ainda o desenvolvimento das etapas I, II e III do Curso da Calha do Alto e Baixo São Francisco.

Os resultados apresentados nas etapas I e II no Médio e Submédio São Francisco nesse presente relatório deverão subsidiar os RTIDs (Relatórios Técnicos de Identificação e Delimitação) conforme a IN n. 20/2005 das comunidades diagnosticadas que não desenvolveram o Relatório Técnico de Identificação e Delimitação.

No percurso de desenvolvimento do Diagnóstico das Comunidades na Calha do Rio São Francisco no final do ano de 2007 e início de 2008 foi publicado a nova Portaria N.98 de novembro de 2007 da Fundação Cultural dos Palmares, instituindo o Cadastro Geral das Comunidades dos Quilombos, em seu Art. 3. a qual define os novos procedimentos para a emissão da certidão de auto-definição como remanescente dos quilombos.

A partir da certidão da Fundação Cultural Palmares (FCP), legalmente cabe ao Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) a responsabilidade legal de

151



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO RIO SÃO FRANCISCO



iniciar o procedimento administrativo de reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas pelos remanescentes das comunidades quilombolas, (abertura e desenvolvimento do processo). Esta etapa tem como base legal o Decreto Presidencial 4887/2003 e as Instruções Normativas INCRA 16/2004 e 20/2005 instrumentos infraconstitucionais regulamentadores do Art.68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal.

Coube a equipe do diagnóstico o cuidado da não interferência no auto-reconhecimento e autodefinição das comunidades visitadas.

Comunidades Quilombolas e o Rio São Francisco

Durante o Brasil colônia, o Rio São Francisco foi por muito tempo a divisa natural entre o Estado da Bahia e o Estado de Pernambuco, e a rota de entrada para os quilombolados no interior do País. Mas, foi o quilombo dos Palmares o qual se localizava na Serra da Barriga região hoje pertencente ao estado de Alagoas que também deu início aos quilombolados para o interior do Baixo São Francisco. A invasão holandesa a Pernambuco (1630-1654), acelerou as fugas de escravos também para o interior do São Francisco pelo estado de Pernambuco na antiga colônia haja visto que o atual estado de Alagoas pertencia ao estado de Pernambuco.

As primeiras referências a quilombolas na região do Rio São Francisco remonta os anos de 1580, com a famosa luta dos escravos fugitivos dos engenhos das Capitânicas de Pernambuco e Bahia. No fim do século XVI havia um quilombo que ocupava uma vasta área que se estendia do Cabo de Santo Agostinho até o Rio São Francisco. No Século XVII essa área reduziu-se a região de Una e Serinhanhem em Pernambuco, Porto Calvo e São Francisco atual Penedo no Estado de Alagoas.

FLORENTIO *et al.* (2004) no trabalho sobre o aspecto comparativos do tráfico africano para o Brasil (Século XVIII e XIX), mostra a competitividade entre Salvador e Rio de Janeiro no tráfico de escravos e como o Rio São Francisco teve uma influência até no preço dos escravos:

(150)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO RIO SÃO FRANCISCO

UNIFR
Fl. nº

"Semelhantes dificuldades podiam ser superadas pelos traficantes baianos com a venda dos escravos nas zonas mineradoras. O valor, na verdade exorbitante, e a forma com que os mineiros pagavam (em ouro) eram garantia de altos lucros e de liquidez. Entretanto, a primazia baiana no fornecimento de mão-de-obra para as Minas acusou o impacto da inserção dos comerciantes da praça mercantil do Rio de Janeiro no tráfico, incentivada pela abertura do Caminho Novo. Por meio do Caminho Velho, que ligava o Rio de Janeiro à região mineradora através de Paraty, gastava-se de 43 a 99 dias, dependendo do número de paradas, o que o tornava pouco competitivo comparativamente à rota que, através do rio São Francisco, unia Salvador às Gerais. Contudo, a partir da abertura do Caminho Novo, em 1711, o percurso de oitenta léguas (480 km) passou a ser feito em apenas dez ou doze dias"...

Com a crise do escravismo, o governo antecipou à libertação dos escravos e, através da Lei da Terra de 1850 obrigou que as aquisições de terras fossem feitas mediante compra. A intenção era impedir que os negros livres pudessem ter acesso a terra. Com isso parte dos negros foram obrigados a ficar com os coronéis, trabalhando de agregados, outros, foram obrigados a ocupar as beiras de rios navegáveis para sobreviverem, por meio do cultivo nas ilhas, pesca, comercialização nas barracas e nos vapores. Por isso os negros migraram das terras férteis de Cocos, Coribe, Correntina e Santana para as áreas navegáveis dos rios. No sertão da Bahia, na região hoje Médio, os negros também eram uma autêntica organização de "guerrilha", para lutar contra a escravidão. Eram organizações com objetivo claro de defenderem um espaço de liberdade. Muitos desses mocambos eram formados por negros e índios. Ao longo do Rio São Francisco constatou-se a existência de vários mocambos dos "negros quilombados", mamelucos e bandidos espalhados pelo interior da Bahia, que infestavam as estradas, atacavam as fazendas, roubavam o gado. Nesta região ocorriam muitas fugas de escravos negros e índios dando origem alguns quilombos na margem e Calha do Rio São Francisco.

As Comunidades Quilombolas existentes no Brasil representam a memória viva da história territorial, econômica e social do Brasil. Mesmo tendo surgido durante o século XVII ainda hoje se fazem presentes em vários Estados da Federação preservando e exercitando uma rotina de vida própria de suas etnias de origem. Por outro lado até a década de 90 as comunidades sofriam para um processo de luta e reconhecimento das suas terras, salienta-se que o processo até o presente não seguiu um caminho linear de reconhecimento das comunidades negras

153



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO RIO SÃO FRANCISCO



rurais, ao contrário, é permeado por intervenções estatais que se modificam ao longo do tempo.

Até o ano de 2005 a Fundação Cultural dos Palmares reconhecia somente 34 quilombolas no Rio São Francisco.

A Bacia do Rio São Francisco esta dividia em quatro regiões fisiográficas distintas, sentido montante jusante, de Alto, Médio, Sub-Médio e Baixo São Francisco. Ao longo da calha do Rio São Francisco, segundo informações da CODEVASF (op. cit.), mais de (50) cinquenta Comunidades de Quilombolas remanescentes, sabidamente possuidoras de uma trajetória histórica própria decorrente de uma ancestralidade negra que ainda hoje guardam a influência de uma relação de resistência à opressão histórica a que foram submetidas, e que persiste de uma forma não muito explícita na região do Rio Opara.

As Comunidades Quilombolas no Brasil têm exercido relações territoriais com manifestações culturais próprias e conectadas aos costumes, tradições, cultura e lazer, herdados de seus ancestrais e principalmente a suas relações com os recursos naturais.

Particularmente em relação às áreas marginais da calha do Rio São Francisco, principalmente onde existe uma exploração econômica dependentes do rio, já se faz presente sinais de degradação do solo e da vegetação da Mata Ciliar, requerendo uma intervenção planejada, articulada e planejada pelo Estado, através de seus agentes de integração e de desenvolvimento e focada nas comunidades que a habitam e a exploram para sua subsistência. Neste particular uma intervenção baseada no diagnóstico espacial dos territórios quilombolas, nas suas diversas dimensões, se faz importante e necessária. Essas Comunidades se fazem presentes em um número significativo e têm exercitado relações territoriais fortemente impactantes na degradação dos recursos naturais disponíveis, particularmente o solo, a água e a vegetação.

Um diagnóstico espacial das Comunidades Quilombolas das áreas de marinha ao longo da Calha do Rio São Francisco, agregando à sua dimensão territorial (solo, água, vegetação e fauna) também os seus aspectos históricos, culturais, econômicos e ambientais das referidas Comunidades, permitirá não somente identificarmos as suas existências, mas principalmente integrá-las a um

154



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO RIO SÃO FRANCISCO



processo de desenvolvimento sustentável de base forte, que tenha como eixo a preservação das áreas marginais e a revitalização do Rio São Francisco, seu maior patrimônio ambiental.

Objetivo

O objetivo do Projeto é diagnosticar espacialmente as comunidades quilombolas localizadas em áreas de marinha ao longo da calha do rio São Francisco, nas dimensões territorial, histórica, social, cultural, econômica e ambiental, visando titulação de terras e implementação de ações de desenvolvimento socioeconômico e ambiental sustentáveis, destacando que esse projeto está inserido no Programa de Revitalização da Bacia do Rio São Francisco, do Ministério da Integração Nacional e Ministério do Meio Ambiente.

Metodologia

Os trabalhos seguiram a seguinte sistemática:

Fase 1 – Levantamento preliminar de informações junto a instituições e cadastros públicos, referente a territórios ocupados por Comunidades Quilombolas, objetivando o registro de informações documentais existentes para subsidiar o planejamento do diagnóstico e preparação técnica da equipe do projeto.

Reunião CODEVASF/Juazeiro	05/02/2007
Reunião SEPPIR/Brasília	20/03/2007
Reunião CODEVASF /Salvador	25/05/2007
Reunião INCRA/Petrolina	09/03/2008

Fase 2 – Trabalho de campo, envolvendo visitas e entrevistas, para coleta e registro de informações e atividades de demarcação territorial das Comunidades Quilombolas em estudo.

155



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO RIO SÃO FRANCISCO



Fase 3 – Elaboração de relatório do diagnóstico contendo duas partes: **A)** Primeira parte abordando a questão da degradação ambiental, com indicação de ações futuras a serem implementadas, visando a mitigação e/ou o reparo dos problemas identificados; **B)** Segunda parte abordando a questão vinculada a possibilidade de titulação de terras em conformidade com o que dispõe a Instrução Normativa nº 20 do INCRA, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação, desintrusão, titulação e registro das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos Quilombos.

Fase 4 – Elaboração dos Mapas: Foram realizados levantamentos de um conjunto de pontos materializados no terreno ou vértices existentes nas comunidades analisadas, coletando-se coordenadas cartesianas projeção UTM E e N utilizando o sistema de referência SAD-69 obtidas com a finalidade de servir de base planimétrica ao levantamento da perimetral da comunidade Quilombola. Esses pontos formam uma figura delimitadora de lados orientados a um sistema geodésico. Essa delimitação da área e georeferenciamento dos marcos ou vértices existente na comunidade foram realizados através de informações de moradores da própria comunidade.

O sistema utilizado foi o Sistema Geodésico Brasileiro - Sistema que engloba os apoios geodésicos planimétricos e altimétricos, implantados e materializados na porção da superfície terrestre delimitada pelas fronteiras do país. Os apoios são determinados por procedimentos operacionais e por coordenadas geodésicas, calculadas segundo modelos geodésicos de precisões compatíveis com as finalidades a que se destinam, tendo o Elipsóide de Referência Internacional de 1967 como representação geométrica da Terra e integra o SAD-69, *South American Datum*, 1969.

Os trabalhos executados obedeceram, seqüencialmente, os procedimentos abaixo:

- 1º - Identificação da comunidade Quilombola.
- 2º - Delimitação da comunidade Quilombola através de informações de integrantes da própria comunidade.

156 4.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO RIO SÃO FRANCISCO



3° - Mapeamento da Comunidade utilizando dados de levantamento de campo (informações da comunidade) e base cartográfica (utilizando delimitadores naturais: picos, montanhas e riachos, além de caminhos e estradas).

4° - Identificação da melhor base cartográfica, através de uma pesquisa junto aos órgãos governamentais, com a finalidade de obter a base cartográfica (cartas topográficas, imagens de satélite e fotografias aéreas) na maior escala disponível, que abrangem a região a ser trabalhada, e que servirá de apoio à demarcação da perimetral quilombola. As cartas topográficas contendo camadas de rede hidrográficas, estradas, rodovias, caminhos, curvas de nível, municípios, distritos, solos, na melhor escala possível.

5° - Identificação dos pontos do Sistema Geodésico Brasileiro - SGB, através de uma pesquisa junto aos órgãos governamentais, com a finalidade de obter informações e monografias dos pontos do SGB que se situam mais próximos da terra quilombola a ser demarcada, e que poderão servir de base para o trabalho de rastreamento de satélites.

6° - Levantamento cadastral das construções integrantes e localizadas dentro da comunidade quilombola.

7° - Banco de dados de cada comunidade integrado em um sistema de informações geográficas, contendo informações de cada família quilombola.

As etapas 5 e 7 ainda não foram realizadas. As demais etapas já foram ou estão em andamento.

Atividades Desenvolvidas

A equipe do *Projeto Diagnóstico de Comunidades Quilombolas localizadas ao longo da calha do Rio São Francisco (PDCQ-CSF)* esteve engajada, ao longo dos últimos oito meses, nas atividades de levantamento de informações sobre a existência e localização dessas comunidades e, principalmente, sobre a compreensão e delimitação da calha do rio São Francisco, como se verá mais adiante, além de ter percorrido milhares de quilômetros ao longo dos estados da Bahia e de Pernambuco, nos trechos Médio e Submédio do rio São Francisco.

157



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO RIO SÃO FRANCISCO



O primeiro problema que a equipe enfrentou foi a delimitação do objeto de trabalho do projeto, no tocante à sua espacialidade (definição da calha), e o conseqüente quantitativo de comunidades a serem trabalhadas, uma vez que as informações referentes à existência de comunidades quilombolas ao longo do rio São Francisco são completamente variáveis de órgão para órgão, não permitindo tratar com segurança as informações, tanto no que toca aos quantitativos quanto às localizações dessas comunidades.

Em primeira mão, foi repassada pela CODEVASF a informação da existência de cerca de cinquenta **(50)** comunidades quilombolas ao longo do Rio São Francisco. Após a elaboração de uma listagem preliminar, a CODEVASF repassou à equipe técnica do PDCQ-CSF uma lista contendo a indicação de **38** comunidades remanescentes de quilombos ao longo do Rio São Francisco (as listagens não precisavam se as comunidades estavam na "margem" ou na bacia do Rio).

Posteriormente, após algumas reuniões, a CODEVASF encaminhou outra listagem de comunidades quilombolas e territórios rurais elaborada pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), contendo **422** comunidades nos Estados de Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Bahia e Minas Gerais, abrangendo, então, a Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco.

Por outro lado, a Universidade Federal da Bahia (UFBA) e a Universidade Estadual da Bahia (UNEB) citam que somente no Médio São Francisco existem cerca de **52** comunidades rurais quilombolas situadas nas "margens", "calha" e Bacia do Rio, sendo a grande maioria localizada na região compreendida pelos municípios de Bom Jesus da Lapa, Barra, Brejolândia, Buritirama, Carinhanha, Feira da Mata, Iuiú, Malhada, Matina, Morpará, Muquém do São Francisco, Paratinga, Riacho de Santana, Serra do Ramalho e Sítio do Mato, todos localizados no Estado da Bahia.

É importante ressaltar que no trecho do Sub-médio São Francisco localizado no Estado de Pernambuco, a equipe do PDCQ-CSF tomou conhecimento de várias comunidades que já têm seu processo de auto-reconhecimento como comunidade quilombola iniciado. A equipe do projeto participou do encontro das comunidades quilombolas realizado pela SRH/Bahia, comunidades estas inseridas na Bacia do São Francisco no Estado da Bahia (figura 01).

158



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO RIO SÃO FRANCISCO

UNIV
F. S. F.

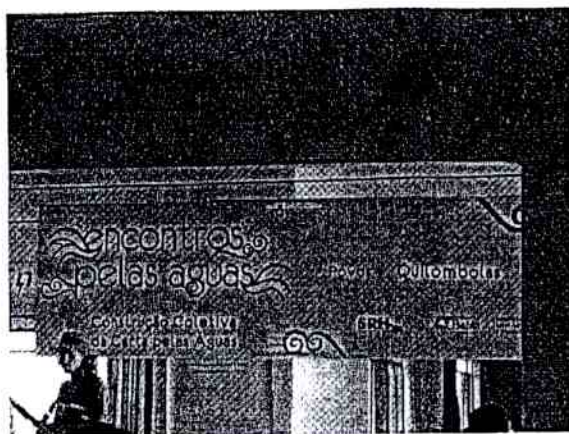


Figura 1. Encontro pelas Águas SRH/BA– Povos Quilombolas em Santa Maria da Vitória BA.

UFBA/UNEB/INCRA citam que várias comunidades estão como Projetos de Assentamentos (PA) para a Reforma Agrária e não como comunidades remanescentes de quilombos. Isso se deve numa concepção histórica equivocada de enquadramento desses remanescentes de quilombos.

Concomitantemente à busca de informações mais precisas a respeito do quantitativo de comunidades quilombolas existentes na calha do rio São Francisco, nos diversos órgãos estatais (além dos citados acima, podemos citar ainda a Superintendência do INCRA no Estado da Bahia, em Salvador, a Superintendência do INCRA no Estado de Pernambuco, no Recife, a Secretaria de Recursos Hídricos da Bahia, as secretarias municipais dos diversos municípios visitados, e em Brasília a Secretaria Especial de Políticas para a Inclusão Racial – SEPPIR, a Fundação Cultural Palmares, o INCRA e a Secretaria do Patrimônio da União – SPU) e não-estatais (tais como as diversas Comissões Pastorais da Terra – CPTs, ligadas à Igreja Católica Romana, Organizações Não-Governamentais que tratam das questões de raça e etnia e órgãos representativos de classe, tais como os sindicatos de trabalhadores rurais, todos eles, ONGs e sindicatos, localizados nos diversos municípios visitados), se procedeu às discussões e consultas aos diversos órgãos estatais e às verificações *in loco*, por ocasião das expedições de pesquisa, para o entendimento e a delimitação do que seria a calha ao longo dos mais de 800 quilômetros do rio percorridos pela equipe do PDCQ-CSF. Depois da conceituação do que vinha a ser a "calha", e a "margem" do rio.

159



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO RIO SÃO FRANCISCO

UNV.
Fl. nº

A outra linha de atuação do Diagnóstico, referente aos aspectos históricos e antropológicos, está amparada legalmente pela Constituição Federal, nos seus artigos 215 e 216, no Decreto Presidencial N° 4.887 de 20 de novembro de 2003, na Instrução Normativa N° 20 do INCRA e na Portaria N° 98 de 26 de novembro de 2007 da Fundação Cultural Palmares.

A caracterização das comunidades rurais, localizadas às margens do rio São Francisco, como comunidades remanescentes de quilombos, foi realizada através do registro da auto-identificação das mesmas como tais (seguindo rigorosamente o que estipula a IN n° 20 do INCRA e a Portaria n° 98 da FCP). Assim, a equipe técnica do PDCQ-CSF procedeu à prospecção de campo (através do levantamento de comunidades que não constavam nas listagens oficiais, contando com informantes e instituições locais, citadas anteriormente) e à checagem de dados (no caso daquelas comunidades informadas pelas listagens oficiais).

Desta forma, a equipe técnica do PDCQ-CSF procedeu ao ajuste das listagens oficiais ao recorte espacial do projeto (com o descarte de algumas comunidades que estavam presentes nas listagens, por estarem localizadas fora da calha e da margem mas dentro da Bacia, mas que estão registradas no relatório mesmo assim, apenas indicando a sua real condição em relação à calha e margem do rio, e a inclusão de outras comunidades, que foram visitadas e que não constavam das listagens anteriores) uma vez que a noção de localização na "margem" ou na "calha" do rio, como estava expresso nas listagens fornecidas, se mostrou bastante falha diante da verificação *in loco*, por ocasião das visitas de levantamento.

Após as verificações, ajustes de informações e atestação do universo abrangido pelo objeto de trabalho do projeto, foram definidos pela equipe técnica do PDCQ-CSF que o trabalho de identificação das comunidades na Calha do Rio São Francisco – e não na calha dos afluentes (intermitentes ou temporários) do Rio São Francisco – terá que ser dividido em pelo menos três etapas, das quais a presente representa a Etapa 1, como explicitado no quadro abaixo.

ETAPAS	TRECHO DO RIO	ÁREA
Etapa 1	Médio e Sub-médio	Desde Abaré-BA e Santa Maria da Boa

160



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO RIO SÃO FRANCISCO

	São Francisco	<i>Vista-PE até Carinhanha-BA.</i>
Etapa 2	Baixo São Francisco	<i>De Paulo Afonso-BA até Penedo-SE.</i>
Etapa 3	Alto São Francisco	<i>De Carinhanha-BA até o Parque Nacional Serra da Canastra-MG (nascentes do São Francisco).</i>

Quadro1. Contendo os trechos do rio dividido pela equipe PDCQ-SF

Comunidades Quilombolas na Calha do Rio São Francisco

Calha e Margem: Fundamentos Jurídicos.

A calha e margem do Rio São Francisco legalmente estão fundamentadas na área abrangida pela *Limeo* (Linha Média de Enchimento Ordinária), segundo a Secretaria do Patrimônio da União – SPU, baseado no Decreto-Lei 9760 de 1946. A equipe de trabalho do projeto identificou que essa área é também definida como *Área de Preservação Permanente* (APP), de acordo com o Código Florestal brasileiro Lei 4771/65, e Leito Maior Sazonal do Rio, considerado, como Reserva Ecológica perante a Resolução do Conama 004/85, e foi com o amparo legal da legislação ambiental brasileira que definiu-se uma das linhas de atuação do Diagnóstico, referentes aos aspectos ecológicos e sócio-ambientais pelo fato do projeto estar relacionado ao PROGRAMA DE REVITALIZAÇÃO DO SÃO FRANCISCO.

FIGUEIREDO (2006) procurador do Estado do Rio de Janeiro atenta para a Ponderação de interesses constitucionais entre os remanescentes de quilombos, índios, meio ambiente e segurança nacional. Ao conflito de duas normas, entre dois princípios ou entre uma norma e um princípio é dado o nome de antinomia a qual é a efetiva contradição cuja solução não é encontrada no direito e para isso é usado a ponderação de conflitos jurisdicionais (Território quilombolas versus Área de Preservação Permanente e/ou Reserva Legal e Unidades de Conservação) no caso das margens e calhas do Rio São Francisco.

A área de estudo que correspondente a margem e a calha do São Francisco esta relacionado diretamente a possíveis conflitos

161

4



Margens e Planícies aluviais e relevo Fundamentos Físicos de "Calha".

As planícies aluviais conhecidas como várzeas são caracterizadas por sedimentação fluvial. A designação é apropriada porque nas enchentes toda essa área é inundada e as populações humanas ribeirinhas ocupam essa área principalmente para a agricultura de subsistência. São áreas que refletem os efeitos das cheias do rio na época chuvosa ou das depressões alagáveis todos os anos. A planície de inundação é formada por aluviões e por materiais variados depositados no canal fluvial ou fora dele. A planície é a faixa do vale fluvial composta por sedimentos aluvionares. Diques marginais são saliências alongadas compostas por sedimentos, bordejando os canais fluviais conhecidas como Margem.

Encontramos algumas denominações populares para essas áreas dado pelas comunidades quilombolas como Alagadiços, Lameiros.

O leito fluvial corresponde os espaços ocupados pelo escoamento da água, divididos em Leito Vazante, Leito Menor, Leito Maior Periódico ou Sazonal, Leito Maior Excepcional. Terraços Fluviais são planícies de inundação que foram abandonadas. O tipo de canal está relacionado o arranjo espacial do leito do rio, meandrante, anastomosado, retilíneo. A conformação de um leito de um rio é resultante da atuação conjunta de diversos fatores como pluviosidades, a disponibilidade de sedimentos, a geologia e a geomorfologia da região cortada pelo canal dentre outros. A geomorfologia do rio define a calha de um rio, podemos verificar que o Rio São Francisco possui diferenciações geomorfológicas em toda sua extensão principalmente quando comparamos a margem do Rio São Francisco nos municípios de Bom Jesus da Lapa BA, Barra BA, Ibotirama BA com suas planícies suas várzeas e planícies de inundação e a margem do Rio São Francisco em Paulo Afonso BA onde o leito do rio assenta-se sobre rochas ígneas e metamórficas cambrianas, visivelmente, o rio São Francisco esta encaixado em um "canyon" e o relevo é um pediplano denominado de Pediplano sertanejo, assim modificando o cenário geológico da calha do rio, comparado com Bom Jesus da Lapa. Desta forma os sistemas de ocupação e uso dessas áreas "margem e calha" pelas comunidades tradicionais ou não estão associados diretamente a geologia a geomorfologia fluvial e o relevo do rio.

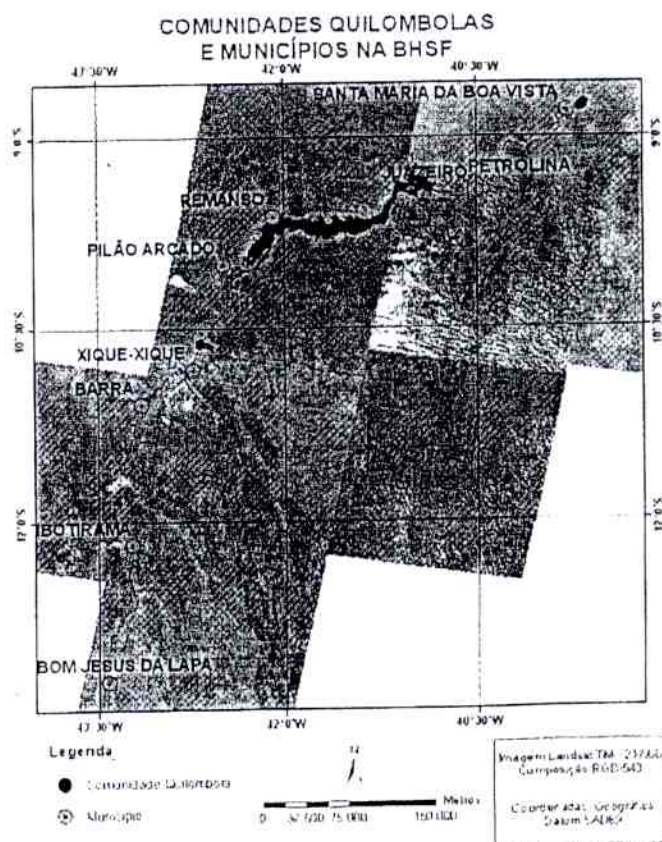


MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO RIO SÃO FRANCISCO



O Rio São Francisco possui em suas margens depósitos sedimentares do passado isso atesta que mudanças laterais na posição do canal fazem parte da sua evolução e da sua dinâmica ambiental. E mudanças na posição do canal são necessariamente acompanhadas pela erosão de suas margens, única forma da calha se movimentar lateralmente, modificando de tempos em tempos a ocupação e os sistemas de territórios das populações negras tradicionais ribeirinhas do Rio São Francisco. *Ilhas são processos de sedimentação aluvionar* exemplo Massangano BA e Rodeadouro PE.

A Bacia hidrográfica do Rio São Francisco – (BHSF)



A Bacia do São Francisco possui uma área de 639.219 Km² correspondendo 7% do território Nacional. Segundo a ANA/GEF (2002) a Bacia do Rio São Francisco tem uma localização estratégica que faz a ligação natural do Sudeste com o Nordeste Brasileiro, possui 538 municípios em sua área. A Bacia tem uma grande importância sócio-econômica por seu uso múltiplo, dotada de potencial energético, agropecuário e agroindustrial, além de turismo. As atividades intensas de uso de

163



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO RIO SÃO FRANCISCO

UN
FI nº

água estão exercendo uma grande pressão sobre a base de seus recursos naturais, particularmente os hídricos, especialmente pela intensa irrigação hoje com mais de 330.310 há, cerca de 11% da área irrigada do Brasil. Com uma população de mais de 13.297.955 habitantes em 2000, cerca de aproximadamente 8% da população brasileira, possui importantes centros urbanos, como a região metropolitana de Belo Horizonte as cidades de Juazeiro e Petrolina, por outro lado, a Bacia tem vários espaços vazios econômicos e sociais.

No século XXI A Bacia do Rio São Francisco sofreu uma nova delimitação fisiográfica sendo que ficou definida da seguinte maneira:

- A) Alto, das nascentes as confluências do Rio Jeiquitaí em MG; com 194 municípios com 99.386,82 Km²
- B) Médio, das Confluências do Rio Jeiquitaí à Barragem de Sobradinho BA; com 173 municípios com 401.559,39 Km²
- C) Sub-Médio, da Barragem de Sobradinho até Belo Monte em Alagoas; 93 municípios com 115.986,71 Km²
- D) Baixo, de Belo Monte a Foz AL/SE; com 78 municípios. 19.986,67 Km².

O Percentual da Bacia do Rio São Francisco é 47,2 % para o Estado da Bahia; 38,2 % para o estado de Minas Gerais, 10,6% para o estado de Pernambuco; 2,3% para Alagoas; 1,1% para Sergipe; 0,4% para o Estado de Goiás e 0,2% para o Distrito Federal.

Municípios que estão na Calha do Rio São Francisco

Dentre os 48 municípios que estão na margem e calha do Rio São Francisco alguns destes possuem as suas margens como fronteiras municipais ou estaduais, vale lembrar que a história de ocupação e do desenvolvimento das comunidades quilombolas em volta dos grandes lagos Sobradinho, Paulo Afonso-Xingó e Três Marias foram descaracterizadas quase que por completo a sua história etnográfica, e conseqüentemente descaracterizando seus territórios. Os principais municípios que estão nas margens são:

169



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO RIO SÃO FRANCISCO



Petrolina PE, Santa Maria da Boa Vista PE, Cabrobó PE, Orocó PE, Ibó PE, Belém do São Francisco PE, Floresta PE, Itacuruba PE, Jatobá PE, Petrolândia PE, Juazeiro BA, Xique-Xique BA, Pilão Arcado BA, Remanso BA, Sento Sé BA, Sobradinho BA, Casa Nova BA, Curaçá BA, Abaré BA, Chorrocho BA, Rodelas BA, Gloria BA, Paulo Afonso BA, Barra BA, Morpara BA, Muquem do São Francisco BA, Ibotirama BA, Paratinga BA, Sítio do Mato BA, Bom Jesus da Lapa BA, Serra do Ramalho BA, Carinhanha BA, Malhada BA, Montalvania MG, Manga MG, Itacarambi MG, Januária MG, Pirapora MG, Três Marias MG, Canindé do São Francisco SE, Poço Redondo SE, Porto da Folha SE, Garau PE, Belmiro Gouvêa AL, Olho d'Água do Casado AL, Piranhas AL, Pão de Açúcar AL, Pendeo AL.

O Médio São Francisco

A região do São Francisco compreendendo o trecho do Médio São Francisco se estende de Minas Gerais, até a cidade de Pilão Arcado Estado da Bahia, é a maior área da Bacia do Rio São Francisco, o clima do Médio São Francisco é o sub-úmido seco e semi-árido apresentando chuvas de verão nos meses (de novembro a abril) e precipitações médias anuais na faixa dos 600 mm na área leste do lago sobradinho.

A cobertura vegetal do Médio São Francisco, considerando a sua cobertura original podemos encontrar quatro tipos de formações: Floresta Estacional Semi-decidual, Cerrado, Caatinga e Zona de Transição entre a Caatinga e o Cerrado.

Geomorfologia:

A região do Médio São Francisco, apresenta as seguintes unidades geomorfológicas estudadas no Projeto Radam Brasil: Domínios das Planícies de Acumulações Recentes, Domínio das Depressões Pediplanadas, Domínio dos Planaltos em Estruturas Sedimentares Concordantes, Domínios dos Planaltos em Estruturas Sedimentares Dobradas.

165



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO RIO SÃO FRANCISCO

A Bahia é o Estado que detém a maior porcentagem da região do Médio São Francisco. A região do Médio São Francisco no Estado da Bahia estende-se por aproximadamente 110.000 km², entre os municípios de Sobradinho a Carinhanha. Nesta região incide um número significativo de comunidades remanescentes de quilombos. Autores como José J. Carvalho (1995) e José Augusto L. Sampaio (1997) realizaram importantes estudos sobre a região (UFBA/UNEB/INCRA,2005).

Na Região do Médio São Francisco em 2005 (UFBA/UNEB/INCRA,2005) relataram a ocorrência de **43** comunidades quilombolas no médio São Francisco. Posteriormente em (2006) identificaram **52** comunidades rurais negras remanescentes de Quilombos, mas a estimativa é de que esse número seja muito maior. Destas, destaca-se a Comunidade do Rio das Rãs, que solucionou os conflitos pela posse da terra mediante a desapropriação, realizada pelo INCRA.

Na Região do Médio São Francisco estão configuradas diversas modalidades de luta e formas de acesso a terra. Os Projetos de Assentamentos rurais (PAs) somam cinquenta e três (53). As Comunidades Negras Rurais Quilombolas estão localizadas principalmente em Bom Jesus da Lapa e Carinhanha tendo cada um dos municípios dez comunidades registradas até o ano de 2006, (UFBA/UNEB/INCRA, 2005).

Os municípios que estão na margem e calha do Rio São Francisco pertencente ao Médio São Francisco são: **Pilão Arcado BA, Remanso BA, Sento Sé BA, Sobradinho BA, Casa Nova BA, Curaçá BA, Abaré BA, Chorrocho BA, Rodelas BA, Gloria BA, Paulo Afonso BA, Barra BA, Morpara BA, Muquem do São Francisco BA, Ibotirama BA, Paratinga BA, Sítio do Mato BA, Bom Jesus da Lapa BA, Serra do Ramalho BA, Carinhanha BA, Malhada BA, Montalvania MG, Manga MG, Itacarambi MG.**

O Sub-Médio São Francisco

O Sub-médio possui uma área de 117.351 Km², os estados que fazem parte são parte da Bahia, Pernambuco, Sergipe e Alagoas. As principais cidades são Petrolina, Juazeiro, Serra Talhada e Salgueiro, fazem parte do Sub-médio 93 municípios com uma população de 2.475.322 habitantes. O clima principal é semi-

166



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO RIO SÃO FRANCISCO



arido e árido, com uma precipitação média de 850 a 300 mm ano, possui uma temperatura média de 27°. As principais Barragens são Paulo Afonso, Moxotó, Itaparica e Xingo, o Sub-Médio detem uma área irrigada de 156.504 há. Principais atividades são agricultura, pecuária, agroindústria, geração de energia e mineração, possui um IDH entre 0,438 a 0,664.

Os municípios que estão margem e na Calha do Rio São Francisco pertencentes ao Sub-Medio são: **Petrolina PE, Santa Maria da Boa Vista PE, Orocó PE, Cabrobo PE, Belém do São Francisco PE, Juazeiro BA, Curaçá BA, Abaré BA, Chorrocho BA, Rodelas BA, Gloria BA, Paulo Afonso BA.**

Quilombolas na Margem e Calha do Rio São Francisco

As comunidades quilombolas na Margem do Rio São Francisco, apresentam características de comunidades negras rurais ribeirinhas. A ocupação da região efetivou-se com variações temporais entre o Alto, Médio Sub-Médio e Baixo São Francisco, o médio São Francisco foi ocupado no século XVI e o sub-médio no século XVII. O Alto São Francisco foi colonizado a partir da descoberta do ouro, diamantes e outros minerais, ao término do século XVII e no começo do século XVIII. O Baixo São Francisco foi a porta de entrada para as comunidades no século XV, e Penedo, a 37 quilômetros da foz, foi o primeiro núcleo povoador das margens, fundada em 1522, por uma incursão bandeirante por aquelas paragens. Outros atribuem o surgimento do povoado a Duarte Coelho Pereira, primeiro donatário da Capitania de Pernambuco. A localização estratégica do povoado foi a porta para as terras interiores.(ARAUJO, 2006)

No Baixo São Francisco, segundo Pearson, o povoamento por parte dos portugueses foi dificultado pela formação de aldeamentos de escravos fugitivos da área de cana-de-açúcar, que eram grandemente fortificados, enquanto o litoral era ocupado pelos holandeses (1630). O Quilombo dos Palmares foi o que mais resistência apresentou, por organização e liderança (ARAUJO, J. 2006).



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO RIO SÃO FRANCISCO



Ocupação dos Quilombolas no Médio São Francisco

Na região do Médio São Francisco a ocupação efetivou-se na segunda metade do século XVI fazendo parte da corrida em busca de mão de obra escrava indígena para as áreas canavieiras. Posteriormente a partir de 1670 a Casa de Torres estabelece fazenda de gado no setor norte do Rio São Francisco, enquanto a Casa Pontes estrutura os seus empreendimentos utilizando a força de escravo indígena e negra na região oeste da Bahia, assim a partir do século XVII surgiu vários povoados na região ribeirinha no Médio São Francisco (UFBA/UNEB/INCRA, 2006).

A ocupação da região oeste da Bahia esta diretamente vinculada ao avanço do gado no sertão do São Francisco, ocorrida ainda no período colonial. Inicialmente buscavam-se índios para escravizá-los (UFBA/UNEB/INCRA, 2006).

O desbravamento das terras e a captura dos índios garantiam a concessão de sesmarias. Estas por sua vez, deram origem às grandes fazendas de gado que foram disseminadas na região. Assim, desde o início do século XVI, e especialmente no século XVII, desenvolve-se pequenos povoados e missões ao longo da região. A principal mão de obra utilizada para as atividades produtivas era a escrava e, posteriormente, esses escravos constituíram vários quilombos na região, em especial, nas proximidades dos rios, e nas serras que cortam a região. Esses negros constituíram comunidades que somente se tornaria conhecidas da sociedade um século depois. Quando ocorre a valorização das terras da região eles passam a ser ameaçados de expropriação pelos novos donos de suas terras (UFBA/UNEB/INCRA, 2006).

O conceito de quilombola atravessou o tempo e designa os territórios onde organizavam os negros africanos que trazidos pela colonização portuguesa, insurgiam contra a situação de escravidão (Brasil-Quilombola, 2005).

As comunidades remanescentes de quilombos são grupos sociais cuja identidade étnica os distingue do restante da sociedade. É importante explicitar que, quando se fala em identidade étnica, trata-se de um processo de auto-identificação bastante dinâmico e não se reduz os elementos materiais ou traços biológicos distintivos, como cor da pele, por exemplo. A identidade étnica de um grupo é a base



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO RIO SÃO FRANCISCO



para sua organização, sua relação com os demais grupos e sua ação política. A maneira pelos quais os grupos sociais definem a própria identidade é resultado de uma confluência de fatores, escolhidos por eles mesmos: de uma ancestralidade comum, formas de organização política e social, elementos lingüísticos e religiosos. A característica singular que aproxima a dimensão do quilombo no período colonial às mais recentes formas organizativas dos quilombos contemporâneos está presente nas práticas econômicas desenvolvidas, cujos modelos produtivos agrícolas estabelecem uma necessária integração à micro-economia local, com vistas à consolidação de um uso comum da terra (Brasil-Quilombola, 2005).

Ocupação dos Quilombolas no sub-Médio São Francisco

A história de colonização do sertão no sub-médio São Francisco remete ao século XVII e foi incrementada com a criação extensiva de gado bovino e pelas formações de missões indígenas nas ilhas do sub-médio São Francisco.

As comunidades quilombolas mais conhecidas na bacia no sub-médio São Francisco são: Conceição das Crioulas no município de Salgueiro PE e a Brejo dos Negros na BA.

Algumas áreas no Sub-Médio São Francisco principalmente os aquilombolados no Estado de Pernambuco derivam da entrada pelo Baixo São Francisco.

As comunidades quilombolas de Conceição das Crioulas e Brejos dos Negros não foram visitadas por estarem fora da Calha do Rio São Francisco.

Quadro de convenções para indicar o processo de auto-definição de cada comunidade: Nível de organização das comunidades sobre o auto-reconhecimento como Comunidade Quilombola

CT	<i>Comunidade titulada pelo INCRA-TERRITÓRIO</i>
CFCP	<i>Comunidade já certificada pela Fundação Cultural dos Palmares</i>
RTID	<i>Comunidades com o relatório técnico de identificação e delimitação</i>
CS	<i>Certificação Solicitada: associação formalizada e solicitação de certificação já enviada à Fundação Cultural dos Palmares</i>

169



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO RIO SÃO FRANCISCO



DA	<i>Discussão Avançada</i> : associação formalizada e em vias de solicitar certificação à Fundação Cultural dos Palmares
DI-1	<i>Discussão Iniciada 1</i> : associação formalizada mas necessita de maior mobilização interna
DI-2	<i>Discussão Iniciada 2</i> : associação ainda não formalizada, em processo de conscientização interna
RE	<i>Referência Externa</i> : necessita de maior discussão interna e conscientização quanto à questão quilombola

Quadro das comunidades visitadas e referenciadas:

ITEM	MUNICÍPIO	UF	COMUNIDADE	STATUS
1	Abaré	BA	Bom Jesus	visitada
2	Curaçá	BA	Jatobá	referenciada
3	Santa Maria da Boa Vista	PE	Cupira	visitada
4	Santa Maria da Boa Vista	PE	Serrote	visitada
5	Santa Maria da Boa Vista	PE	Inhanhum	visitada
6	Santa Maria da Boa Vista	PE	Tamaquiú	visitada
7	Santa Maria da Boa Vista	PE	Saruê	visitada
8	Santa Maria da Boa Vista	PE	Curral Novo	visitada
9	Petrolina	PE	Massangano	referenciada
10	Juazeiro	BA	Barrinha de Cambão	visitada
11	Juazeiro	BA	Barrinha da Conceição	visitada
12	Juazeiro	BA	Rodeadouro	referenciada
13	Xique-xique	BA	Vicente	Visitada
14	Muquém do São Francisco	BA	Jatobá	referenciada
15	Barra	BA	Juá	referenciada
16	Barra	BA	Curralinho	referenciada
17	Barra	BA	Conceição	referenciada
18	Barra	BA	Torrinha	referenciada
19	Barra	BA	Ibiraba	referenciada
20	Barra	BA	Vanderlei	referenciada
21	Bom Jesus da Lapa	BA	Araçá-Cariacá	Visitada
22	Bom Jesus da Lapa	BA	Tomé Nunes	referenciada
23	Bom Jesus da Lapa	BA	Bebedouro	referenciada
24	Bom Jesus da Lapa	BA	Volta-Cariacá	referenciada
25	Bom Jesus da Lapa	BA	Piranhas	referenciada
26	Bom Jesus da Lapa	BA	Barro-Parateca	referenciada



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO RIO SÃO FRANCISCO



NATUREZA E TERRITORIALIDADE DOS QUILOMBOS NA CALHA DO RIO SÃO FRANCISCO

Somente em 2007 o estado estabeleceu uma política nacional de desenvolvimento sustentável de povos e comunidades tradicionais, enquadrando as comunidades rurais negras como comunidades tradicionais.

As Comunidades Quilombolas Rurais somente foram consideradas pelo (Estado) como Populações Tradicionais apenas no Século XXI.

Povos e Comunidades Tradicionais são grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição. Territórios Tradicionais são os espaços necessários a reprodução cultural, social e econômica dos povos e comunidades tradicionais, sejam eles utilizados de forma permanente ou temporária, observado, no que diz respeito aos povos indígenas e quilombolas, respectivamente. O Desenvolvimento Sustentável é o uso equilibrado dos recursos naturais, voltado para a melhoria da qualidade de vida da presente geração, garantindo as mesmas possibilidades para as gerações futuras (MMA/2007).

Na constituição de suas vidas, as florestas e as savanas são os territórios de uso comunal que supre as necessidades de alimento, abrigo e medicamento. Este território é estabelecido pelo uso e apropriação do meio, predominantemente marcado pelas práticas extrativistas da pesca, caça e coleta, as pequenas "roças" e criações de animais como porcos, galinhas, cabritos e gados. A configuração dos diferentes Biomas relacionados ao Rio São Francisco como a Caatinga, Floresta Estacional, Cerrado e a Floresta Atlântica apresentam a diversidade de uso dos recursos da natureza pelas comunidades tradicionais especificamente os "quilombos ao longo da Calha do Rio São Francisco". Especificamente no Médio e Sub-médio São Francisco os territórios dos quilombos encontram-se na sua maioria no Bioma Caatinga (Caatingas) um ambiente considerado difícil de sobrevivência pelos



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO RIO SÃO FRANCISCO



colonizadores europeus, mas usados pelos silvícolas como espaço de nação em tempos pretéritos.

O modo de vida de uma comunidade mantém relações muito estreitas e diretas com o meio físico. A Caatinga constitui-se no substrato da vida no Médio e Submédio São Francisco, onde as práticas de uso desenvolvidas cristalizavam saberes específicos de reprodução da existência, transmitidos pelas gerações, isso dá um caráter de uma população tradicional. Esta forma de organização produtiva, caracterizada pelo uso em comum de grandes extensões de savanas estépicas, as Caatingas, rios e córregos temporários ou perenes, é denominada como sistemas de uso comum.

Apropriando, este espaço transforma-se em doméstico e comunitário, definido sob normas internas e limites estabelecidos em relação ao que lhe é exterior. As normas instituídas pelo grupo têm como preocupação a continuidade do uso comum da terra e demais recursos, para as gerações seguintes. Neste sentido, baseiam-se no chamado direito de uso comum. O espaço apropriado pela posse comunal consubstancia a identidade do grupo, configurando seu território, sob a dimensão econômica, dominial e simbólica. Política e economicamente, este território trazia uma lógica produtiva que não alimentava a linha econômica hegemônica, pois estabelecia como prioridade não a acumulação de ganhos, mas a sustentação da vida das famílias na terra.

Assim, numa continuidade em relação ao momento em que nascem como resistência ao escravismo, os territórios quilombolas mantêm o questionamento do modelo econômico preponderante, ditado pelo Estado. Sob a ótica do Estado, ocupavam *terras devolutas*, ou seja, as que constituíam sua propriedade; na prática quilombola, constituíam *terras comunais*, onde não imperava a lógica da propriedade privada.

Esta relação com a terra era permeada por práticas culturais que reafirmavam redes de relações identitárias, como as festas, as "brincadeiras" de Reisado, as manifestações religiosas da Ladainha e Mesa de Santo, entre outras. Juntas, estas práticas configuravam o sentimento de pertencimento ao lugar e afirmavam o território, estabelecendo o sentido da alteridade do grupo em relação ao exterior: a **territorialidade**. Dessa forma, fica claro que, num momento anterior, estas



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO RIO SÃO FRANCISCO



comunidades mantinham relações muito próximas de parentesco, por ocasião dos casamentos, das festas e "brincadeiras", configurando um único território.

ABARÉ - BA

Geral

O município de Abaré no Estado da Bahia situado no sub-medio São Francisco com uma população em 2004 de 14.776 habitantes e em 2007 com 17.317 habitantes a maioria sobrevive na zona rural com mais de 8.000 habitantes por Km².

Surgiu da antiga Fazenda Abaré onde se edificou a primeira construção religiosa a capela de Santo Antonio. O município foi criado como parte dos territórios dos antigos distritos de Abaré e de Ibó desmembrado de Chorrochó pela Lei Estadual nº 1.730 em 1962. A área municipal é de 1.479 km² A sede do município apresenta uma elevação de 324 metros esta localizado na 08º 43'00" de latitude sul e 39º 07'00" Esse município nas margens do Rio São Francisco hoje é o terceiro município na produção de cebola e de tomate no Estado da Bahia. Destaca-se na pecuária na criação de ovinos, caprinos, possui uma indústria, aproximadamente 172 estabelecimentos comerciais.

O acesso para o município, por salvador é pelas BR324 , BR116, BR407 e BA-210, aproximadamente 530 Km.

Os dados socioeconômicos relativos ao município foram obtidos a partir de publicações do Governo do Estado da Bahia e IBGE – Censo de 2000. Apresenta infra-estrutura de serviços satisfatória, contando com uma agência bancaria uma casa lotérica que funciona como posto bancário da Caixa Econômica Federal, duas agências postais, empresas de transporte rodoviário interurbano e urbano, e terminais telefônicos com acesso DDD, DDI e celular.

O abastecimento de água no município é feito pela Embasa e prefeitura, que tem água de rio como fonte de captação. O sistema de abastecimento atende a 1.499 domicílios com rede geral, 350 com poços ou nascentes e 1.079 de outras



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO RIO SÃO FRANCISCO



formas. Cerca de 600 domicílios apresentam banheiros e sanitários ligados à rede geral, enquanto 1.436 possuem banheiros e sanitários com esgotamento através de fossas sanitárias.

Até 2000, eram 1.492 residências não existem instalações sanitárias. O lixo urbano coletado é transportado em caminhão e depositado em lixões a céu aberto. As receitas municipais provêm basicamente da agricultura, pecuária, indústria e mineração.. A energia elétrica é distribuída pela COELBA - Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia, com 1.912 consumidores, sendo o consumo no município de 7.027 mwh assim distribuídos: 1.584 residenciais, 2 industriais, 174 comerciais, 57 serviços e poderes públicos e 95 rurais.

O sistema educacional dispõe de 77 estabelecimentos de ensino, sendo 8 de educação infantil, com 357 matrículas; 65 de educação fundamental com 5.523 matrículas e 4 de educação média, com 878 alunos matriculados. Na área da saúde, a população dispõe de um hospital com 30 leitos e 4 unidades ambulatoriais.

Fatores Bióticos e Físicos:

Possuindo clima árido a semi-árido vem sofrendo com longos período de estiagem, o município está incluído na área do Polígono das Secas.

Solos

Seus solos foram classificados como planossolos solódicos eutróficos ou solonetz solodizados, luvisolos bruno não-cálcicos, luvisolos eutróficos e, ainda, neossolos litólicos eutróficos.

Vegetação

A vegetação, pouco variável, exibe tipos como caatinga arbórea aberta, sem palmeiras e parque, igualmente sem palmeiras.

174



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO RIO SÃO FRANCISCO



Relevo

O relevo está representado por pediplano sertanejo, várzeas e terraços aluviais do rio São Francisco e dos riachos Santo Antônio e da Vargem.

Geologia

A Geologia da maior parte do município está representada por litótipos pertencentes à Província Borborema (Terreno Pernambuco-Alagoas e Faixa de Dobramentos Sergipana), excetuando-se uma pequena porção localizada na sua extremidade ocidental, pertencente à Província São Francisco. Também o município possui rochas do Complexo Riacho Seco. Rochas do Complexo Belém do São Francisco e rocha alcissilicática e mármore do Complexo Cabrobró. O Complexo Sobradinho-Remanso, constituído por ortognaisse migmatítico tonalítico-trondhjemitico-granodiorítico, com enclaves máficos e restos de rochas supracrustais, é o representante da Província São Francisco.

Depósitos aluvionares recentes, constituídos por areia com intercalações de argila e cascalho e restos de matéria orgânica ocorrem margeando o rio São Francisco, na extremidade norte do município, e o riacho da Vargem que corta o município no sentido nordeste-sudeste.

Comunidade de Bom Jesus – Município de Abaré BA.

Histórico da Comunidade de Bom Jesus

A Associação esta formada a quase um ano (1) é composta por mais de 60 famílias e recentemente vem sendo trabalhada com a questão quilombola pelo Secretária Municipal de Agricultura do Município de Abaré.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO RIO SÃO FRANCISCO



Fig. 03 Presidente da Associação de Moradores de Bom Jesus

Relação dos moradores da comunidade de Bom Jesus com outros proprietários

A comunidade de Abaré, esta localizada entre duas fazendas, a Fazenda Bom Jesus que pertence a família Armando Monteiro e que não quer nem ouvir falar em quilombolas e a Fazenda Cajueiro o qual o proprietário possui receio em perder suas terras para a comunidade.

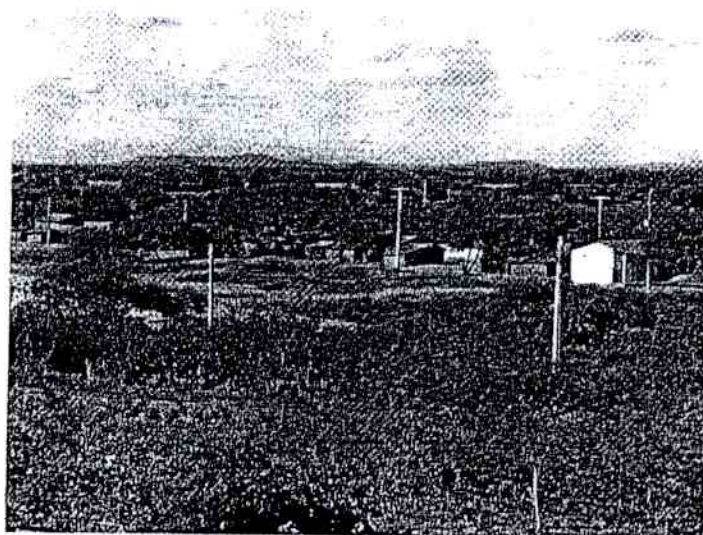


Fig.04 Comunidade de Bom Jesus

176



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO RIO SÃO FRANCISCO



Fig. 05. Escola na Comunidade de Bom Jesus

Estrutura Viária

O acesso para o município por Salvador é pelas BR324 , BR116, BR407 e BA-210, aproximadamente 530 Km. O acesso para a comunidade inicia-se a partir da Br.116 chegando na cidade de Abaré, localiza-se nas margens do Rio São Francisco em direção da Fazenda Bom Jesus de Propriedade do Sr. Armando Monteiro possui uma estrada municipal encontrando-se em bom estado de trafego.

Estrutura Sanitária

Não possui infra-estrutura Sanitária, as casas não possuem banheiro e água tratada.

Infra-estrutura energética

178
4



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO RIO SÃO FRANCISCO



A comunidade de Bom Jesus possui luz elétrica através da Coelba (Companhia Elétrica da Bahia).

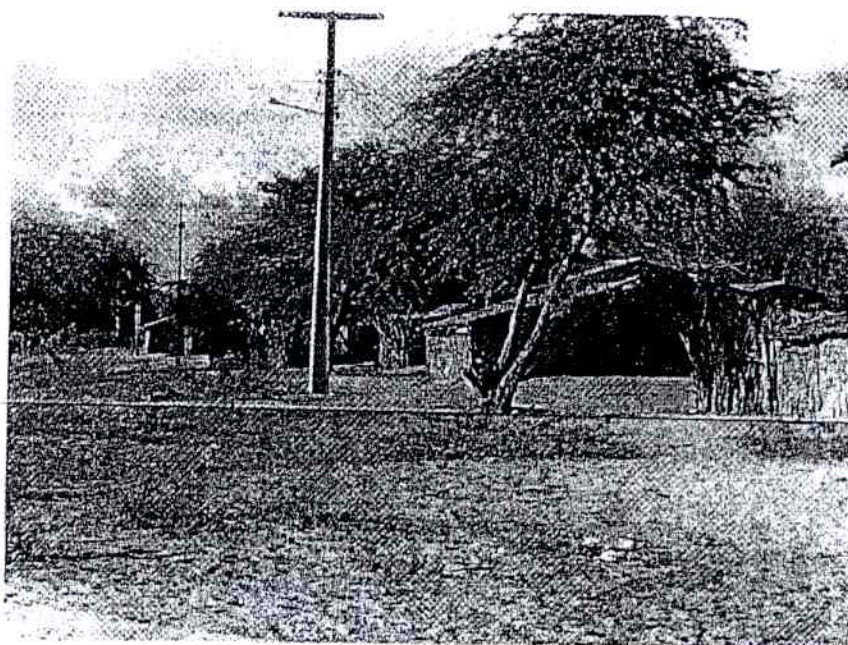


Fig. 06. Rede Elétrica

Habitações

A maioria das casas são de Taipas, local de preferência do Barbeiro (Hemíptera transmissor do protozoário que causa a doença de chagas).

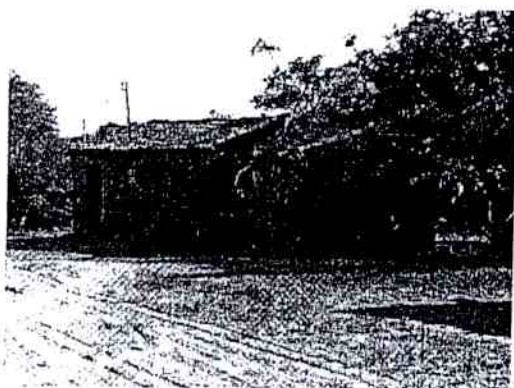


Fig. 07. Casas de Taipa



Caça:

A maioria dos moradores praticam a caça de subsistência, caçam jacaré, iguana, calango, lagarto dentre outros.

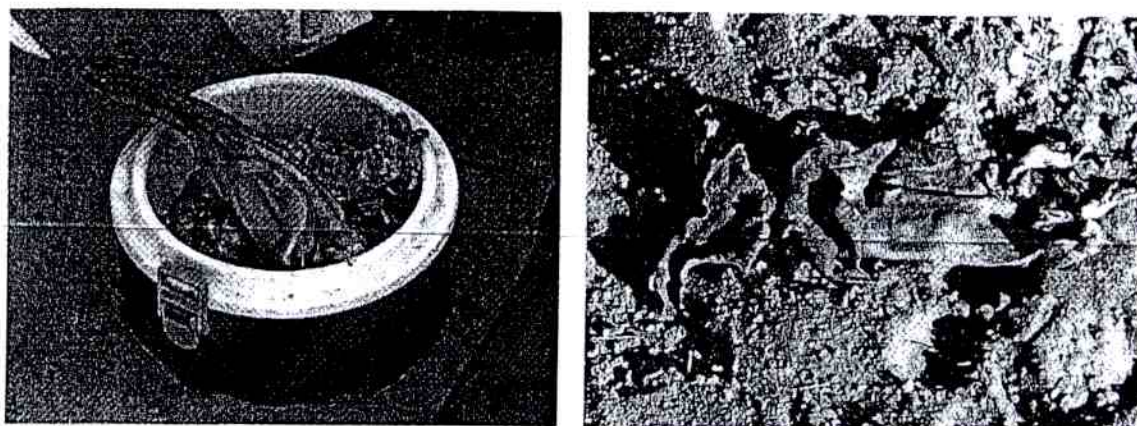


Fig. 08. Caça de subsistência Réptil – *Iguana iguana*.

Práticas Culturais

Eles informaram que existe o costume de casar entre primos na comunidade. Tem Reisado (ensaios aos sábados) e a dança de São Gonçalo ("só quando é chamado").

O território tradicional da comunidade abrange a Ilha da Barra (enfrente à comunidade), onde se cria e se planta tradicionalmente.



Fig. 09. Potes de Barro confeccionados pela Comunidade Quilombola Bom Jesus

SANTA MARIA DA BOA VISTA - PE

Geral

O Município de Santa Maria da Boa Vista, no Estado de Pernambuco localiza-se a 611 km de Recife e a 100 Km de Petrolina. Localiza-se na zona fisiográfica do sertão pernambucano, às margens do Rio São Francisco.

Limita-se ao norte pelo município de Parnamirim e Santa Cruz. Ao sul com o estado da Bahia, a leste com Orocó, e a oeste, com Lagoa Grande.

Localiza-se no sertão e tem como clima predominante o semi-árido quente, característico do sertão, com estação seca prolongada e um curto período de chuvas no verão.

O município possui 3001,17 Km², em 2006 a população estimada IBGE 2006 era de 44053 habitantes. Esta localizado a 640 Km da capital Recife. O acesso a cidade de Santa Maria da Boa Vista se dá pela BR 232 e pela PE 360, BR 316 até Cabrobó e pela BR 428. O município foi criado em 1762 com a denominação de Boa Vista. Em 1953 passou a se denominar Santa Maria da Boa Vista, a localidade teve a denominação de "povoação da igreja nova", antes era fazenda de gado.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO RIO SÃO FRANCISCO



município é formado pelos distritos, Sede e Jutai e pelos povoados de Caraíbas, Inhanhum, Açude do Saco II, Lagoa Grande, Vermelhos, Cupira e Núcleo Milano

Saúde

A rede de saúde se compõe apenas de 14 ambulatórios e 01 hospital com 49 Agentes de Saúde Comunitária. A taxa de mortalidade infantil, segundo dados da DATASUS é de 73,68 para cada mil crianças.

Educação

Na área de educação, o município possui 77 estabelecimentos de ensino fundamental com 12.664 alunos matriculados e 04 de ensino médio com 1.410 alunos matriculados. A rede de ensino totaliza 295 salas de aula, sendo 31 da rede estadual, 226 da municipal e 38 da rede particular.

Saneamento

Dos 7.296 domicílios particulares permanentes, 5.785 (79,3%) são abastecidos pela rede geral de água, 208 (2,9%) são atendidos por poços ou fontes naturais e 1.303 (17,9%) por outras formas de abastecimento. A coleta de lixo urbano atende 2.451 (33,6%) domicílios. Os gastos sociais *per capita* são R\$70,00 em educação e cultura, R\$18,00 em habitação e urbanismo, R\$67,00 em saúde e saneamento e R\$13,00 em assistência e previdência social (1996).

Economia

A economia formal do município se compõe basicamente da indústria de transformação, gerando 27 empregos em 03 estabelecimentos, da construção civil, 01 estabelecimentos, do setor de serviços, com 80 empregos em

182



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO RIO SÃO FRANCISCO



estabelecimentos, do setor de comércio que gera 156 empregos em 53 estabelecimentos, do setor de Administração Pública, com 701 empregos em 02 estabelecimento.

Os setores de Agropecuária, Extrativismo Vegetal, Caça e Pesca, que geram 918 empregos em 71 estabelecimentos.

No sertão o homem cuida principalmente dos rebanhos de cabras e gado, da agricultura e da cultura do feijão e algodão.

Fatores Bióticos e Físicos:

Relevo

O município de **Santa Maria da Boa Vista**, está inserido na unidade geoambiental da Depressão Sertaneja, que representa a paisagem típica do semi-árido nordestino, caracterizada por uma superfície de pediplanação bastante monótona, relevo predominantemente suave-ondulado, cortada por vales estreitos, com vertentes dissecadas. Elevações residuais, cristas e/ou outeiros pontuam a linha do horizonte. Esses relevos isolados testemunham os ciclos intensos de erosão que atingiram grande parte do sertão nordestino.

Vegetação

A vegetação é basicamente composta por *Caatinga Hiperxerófila* com trechos de *Floresta Caducifolia*. O clima é do tipo *Tropical Semi-Árido*, com chuvas de verão.

Clima

O período chuvoso se inicia em novembro com término em abril. A precipitação média anual é de 431,8mm.

183

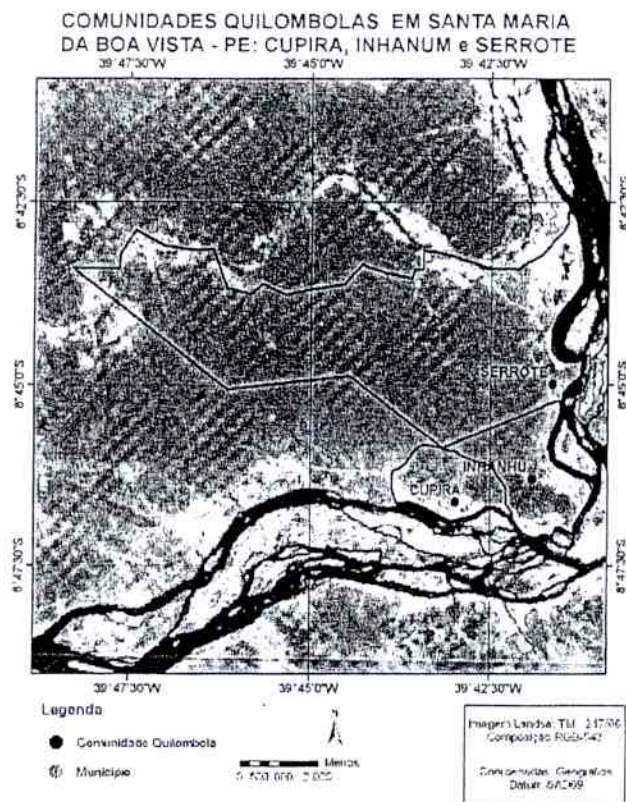


Solos

Com respeito aos solos, nos *Patamares Compridos e Baixas Vertentes* do relevo suave ondulado ocorrem os *Planossolos*, mal drenados, fertilidade natural média e problemas de sais; *Topos e Altas Vertentes*, os solos *Brunos não Cálcicos*, rasos e fertilidade natural alta; *Topos e Altas Vertentes* do relevo ondulado ocorrem os *Podzólicos*, drenados e fertilidade natural média e as *Elevações Residuais* com os solos *Litólicos*, rasos, pedregosos e fertilidade natural média.

Geologia

O município de **Santa Maria da Boa Vista**, é constituído pelos litotipos dos complexos Gnáissico-migmatítico Sobradinho-Remanso e Riacho Seco, dos gnaisses Arapuá, Bangê e Bogó, do Complexo Saúde, dos Granitóides sin e póstectônicos, dos complexos Cabrobó e Belém do São Francisco, dos Granitóides Indiscriminados, da Formação Barra Bonita, dos depósitos Detritolaterítico, e Aluvionares.



Comunidade do Serrote – Município de Santa Maria da Boa Vista PE.

Histórico da Comunidade de Serrote

Quando a equipe do projeto iniciou as visitas na comunidade do Serrote o Presidente tinha informado que a Associação já tinha encaminhado alguma documentação à Fundação Cultural Palmares solicitando a certificação como Comunidade como Quilombola. Porém em fevereiro de 2008 a Associação sabia da nova Portaria 96 da Fundação Cultural dos Palmares. Nos meses seguintes a Fundação Cultural Palmares Reconheceu a Comunidade do Serrote em Santa Maria da Boa Vista.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO RIO SÃO FRANCISCO



A Associação Comunidades Quilombolas do Estado de Pernambuco vem auxiliando a comunidade na certificação junto a Fundação Cultural dos Palmares. Presidente da Associação dos Moradores do Serrote é o Sr. Genilton e a Sra. Raimunda é a secretaria.

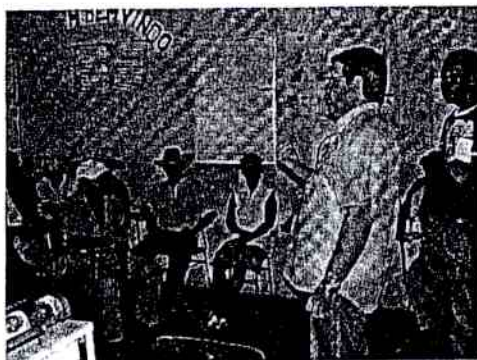


Fig. 10. Reunião da comunidade esclarecimentos sobre o Projeto da Univasf/Codevasf

Comunidade de Serrote

Infra-estrutura

A comunidade possui uma escola municipal de 1ª a 4ª série.

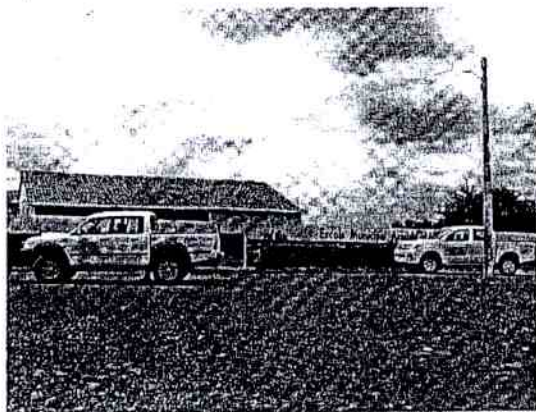


Fig. 11. Escola Municipal na comunidade do Serrote

186



Estrutura Viária

Partindo da Cidade de Santa Maria da Vitória beirando o Rio inicia-se uma estrada municipal cascalhada e de bom acesso até as margens do Rio São Francisco na comunidade de Serrote.

Saneamento:

A comunidade do Serrote não possui uma estrutura de tratamento de resíduos sólidos e líquidos sendo o esgoto lançado nas principais ruas da comunidade.

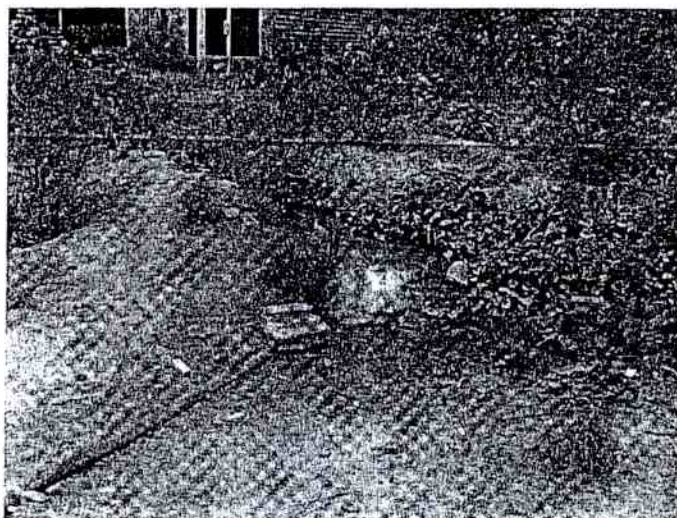


Fig. 12. Esgoto aberto.

Infra-estrutura energética

A comunidade possui iluminação pública e energia elétrica nas residências, através da Celpe.



Práticas Culturais

Informaram-nos que a comunidade possui um grupo de Batuque, que é uma forma de expressão própria da comunidade, cujo responsável é o Sr. Albino (pessoas acima de 70 anos).



Fig. 13. Casal mais antigo da comunidade do Serrote

Também nos informaram da importância do Monte Carmelo para a comunidade, na margem do rio São Francisco e que a comunidade gostaria de vê-lo transformado e reconhecido como ponto turístico da região, pois em períodos de festa religiosa existe uma grande peregrinação de fiéis de Nossa Senhora do Carmo que buscam o pequeno nicho que está localizado no alto do monte. Durante a festa o Bispo de Petrolina vem celebrar missa no monte e o afluxo de fiéis é realmente

Caracterização espacial do território da Comunidade do Serrote

Genilton presidente da Comunidade nos explicou que a comunidade Quilombola do Serrote é composta por duas áreas contíguas, mas que são a mesma comunidade remanescente de quilombo denominada Serrote e Mangue.



Uso dos Recursos Naturais

a) Sequeiro

Na região de Sequeiro as famílias usam essas áreas para o pastoreio dos caprinos e ovinos e para a retirada de lenha como fonte de energia calorífica e caça.

b) Caatinga

O uso da Caatinga está relacionado de uma forma direta com as áreas de sequeiros, mas a Caatinga é usada para a retirada de mel das Meliponidae "abelhas sem ferrão" principalmente nos troncos de árvores de Umburanas.

c) Ilhas.

As ilhas são usadas principalmente para agricultura de algumas cultivares como mandioca e milho, mas a maior parte das ilhas são usadas para o pastoreio do gado bovino, que fica nas ilhas fora da época de cheias do Rio São Francisco.

Atividades Produtivas

Junto a comunidade do Serrote, encontramos importantes parâmetros que justificam a escolha do plantio de acordo com as condições climáticas, como, regularidade e quantidade de chuva, cheia ou baixa do Rio São Francisco; A qualidade e disponibilidade da Terra, Força de trabalho no grupo, elementos determinados pela esfera social. Desse modo, a depender da situação que se apresenta em cada época do ano, as famílias realizam escolhas de culturas de acordo com as situações climáticas e sociais exigidas àquela época de cultivo.

Para a atividade de artesanato, foram desenvolvidos cursos mais específicos, como o de produção de objetos utilitários, decorativos e souvenirs. O objetivo foi gerar uma produção com agregação de valor a partir da realidade local, criando uma identidade com a história, cultura e recursos naturais e turísticos existentes.

A comunidade do serrote conta hoje com políticas de desenvolvimento regional do governo federal, em consonância com os demais programas da Secretaria e com a Política Nacional de Desenvolvimento Regional (PNDR). Este projeto desenvolvido em parceria com o Instituto de Capacitação e Cidadania do Nordeste (ICN), Instituto de Desenvolvimento da Mesorregião do Xingó, Federação

4

189



dos Trabalhadores da Agricultura de Pernambuco (Fetape), Prefeitura de Santa Maria da Boa Vista e outros.

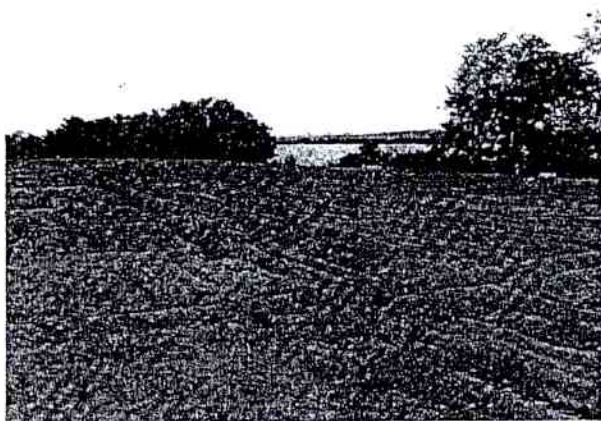


Fig. 14. Preparação para o plantio como em todas as comunidades visitadas na beira do Rio São Francisco – APP (Área de Preservação Permanente – Código Florestal 4771/65).

Agricultura

A maior parte das terras são para a agricultura. As famílias da comunidade no Serrote se diversificam em culturas como a mandioca, bananeiras, cebola, entre outras que são consumidos tanto na comunidade, quanto produzido para venda fora da comunidade nas feiras livres e mercadinho, na sede de Santa Maria da Boa Vista. Quase não há distinção entre Homens e Mulheres na comunidade à dedicação 'a roça' Todos trabalham em épocas de colheita e plantio. Também existiu um treinamento em preparo da terra, a produção de adubos com aproveitamento de resíduos locais e manejo geral da horta, incluindo confecção de canteiros, tratamentos culturais e irrigação.

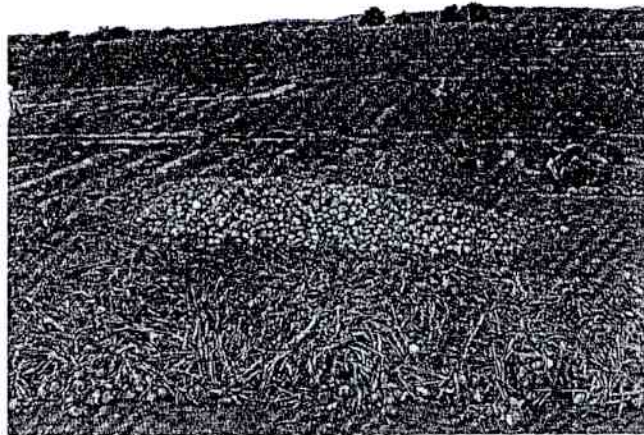


Fig. 15. Produção de Cebola na comunidade do Serrote

Criação de Animais

Hoje quase todos da comunidade têm sua própria criação, que usam as terras próximas do rio e as ilhas para criação de caprinos, ovinos, e de gado; há também aqueles que criam seus animais soltos na comunidade e nos quintais, em destaque, galinha de capoeira, ovinos, caprinos, e Porcos. Que é uma fonte importante de carne para consumo próprio e vez ou outra são vendidos, na comunidade e nas feiras livres. Tanto nas atividades de agricultura como de pecuária O município pernambucano recebeu da Secretaria de Programas Regionais, por meio do Produzir, Capacitando 170 participantes nas áreas de caprinovinocultura, horticultura e artesanato.

A capacitação em caprinovinocultura incluiu o manejo fito-sanitário e de pragas e doenças dos animais sendo a maior dificuldade para a comunidade é adequar o bom manejo, a maior parte é o desenvolvimento de "Fundo de Pasto".



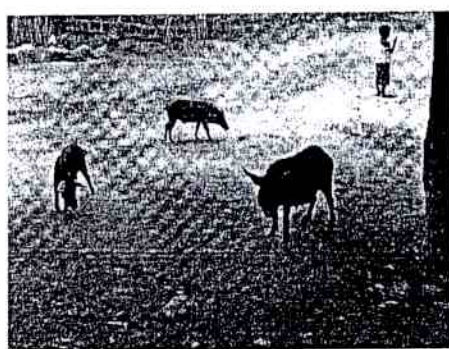
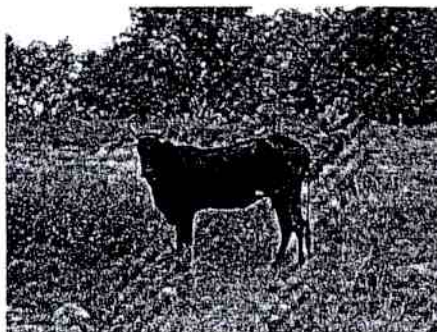


Fig. 16. Criação de Caprinos e Bovinos e Suínos na comunidade do Serrote

Pesca

A pesca como a caça são atividades de subsistência na comunidade do Serrote, as espécies são pescadas para consumo próprio como o Tucunaré espécie introduzida no Rio São Francisco dentre outras.

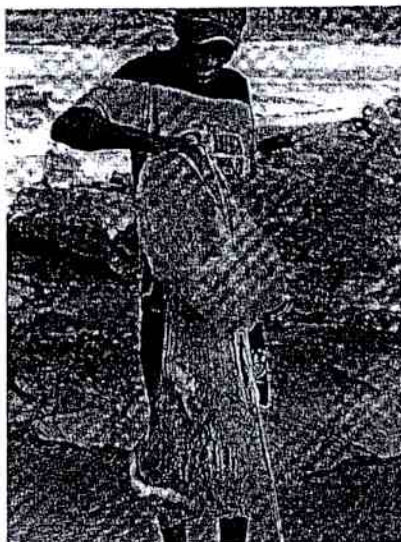


Fig. 17. Tarrafeiro na comunidade de Serrote

Comunidade do Nhanhum – Município de Santa Maria da Vitória PE.

Histórico da Comunidade de Nhanhum

Em relatos superficiais a presidente da Associação e o Sr. Manuel Genovês, citaram que antigamente a Comunidade de Nhanhum fazia parte de uma única fazenda, a Fazenda Inhanhum dos Fundos da Cova dos Tapuios.

Atualmente a Associação Nhanhum encaminhou a documentação à Fundação Cultural Palmares solicitando a certificação como Comunidade Quilombola.

A comunidade apresenta aproximadamente 712 pessoas em 164 famílias cadastradas e 3 agrovilas. A Cova dos Tapuios é perto do riacho de Jacaré.

Práticas Culturais

Dona Emilia é responsável pelo grupo de Reisado da comunidade, além, de manter as práticas culturais vivas na comunidade do Serrote.



Comunidade do Cupira – Município de Santa Maria da Boa Vista PE

Quem está trabalhando com a Comunidade do Cupira é a Associação Estadual Quilombola – PE e o ICN – Instituto de Capacitação e cidadania do Nordeste (OSCIP), no desenvolvimento do reconhecimento junto a Fundação Cultural dos Palmares. Em Julho de 2008 a Comunidade recebeu o reconhecimento de Comunidade Quilombola pela Fundação Cultural dos Palmares.



Fig. 18. Presidente da Associação Maria Valdete Batista dos Santos.



Fig. 19. Início do processo de reconhecimento da Associação/2007.



Educação

Na comunidade existe o ensino de primeira série do ensino fundamental. Escola Municipal Estanislau Medrado. O ensino da quarta série até o ensino médio é desenvolvido na Cidade de Santa Maria da Boa Vista.

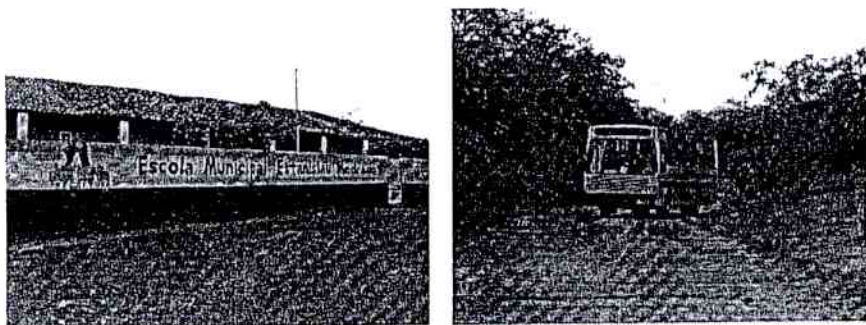


Fig. 20. Escola Municipal e Transporte Escolar na comunidade Quilombola de Cupira

Agricultura

A maior parte das terras está na beira do Rio São Francisco e as terras são para a agricultura. As famílias da comunidade também diversificam a agricultura de subsistência como a mandioca, bananeiras, cebola, entre outras que são consumidos tanto na comunidade como comercializadas em Santa Maria da Boa Vista.

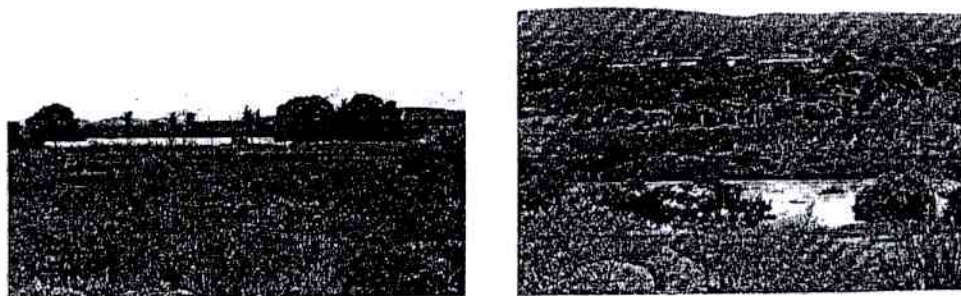


Fig. 21. Agricultura desenvolvida nas margens e ilhas na comunidade de Cupira.



Comunidade do Tamaquiú – Município de Santa Maria da Boa Vista PE

Próximo a comunidade do Curral Novo encontramos a Comunidade de Tamaquiús. Entramos em contato com a presidente da Associação de Moradores, que também é agente de saúde da comunidade, Sra. Onorina.

Ela nos informou que existem dois (02) assentamentos do MST (Aquário/José Ivaldo e José Ivaldo I) dentro do território de Tamaquiú.

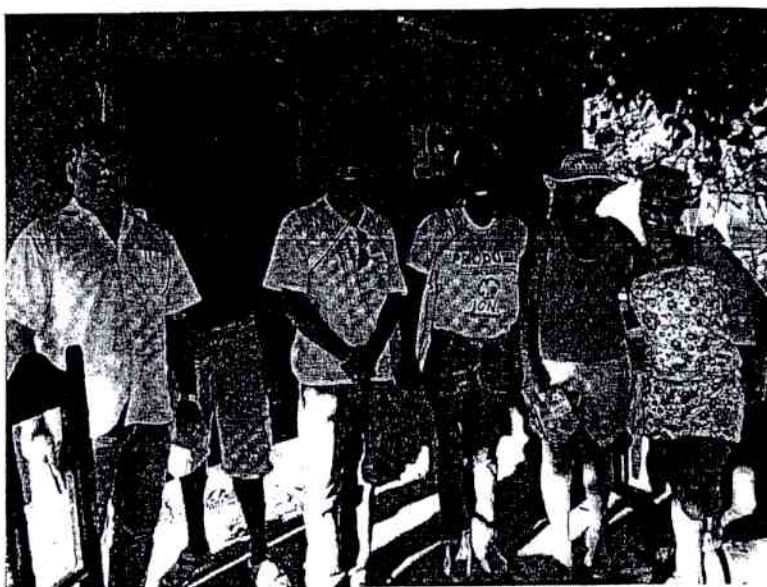


Fig. 22. Presidente da Associação Sra. Onorina com a filha e a Representante do Projeto Produzir Sra. Sonia Ribeiro

Histórico da Comunidade de Tamaquiú

Os relatos contam ainda que as seguintes comunidades faziam parte dos Tamaquiús: Comunidade Nova Olinda (contato Maria do Carmo, também conhecida como Cacá) e a Comunidade do Barro Alto, todos localizados ao longo da estrada dos assentamentos do Vermelho, no município de Santa Maria da Boa Vista.

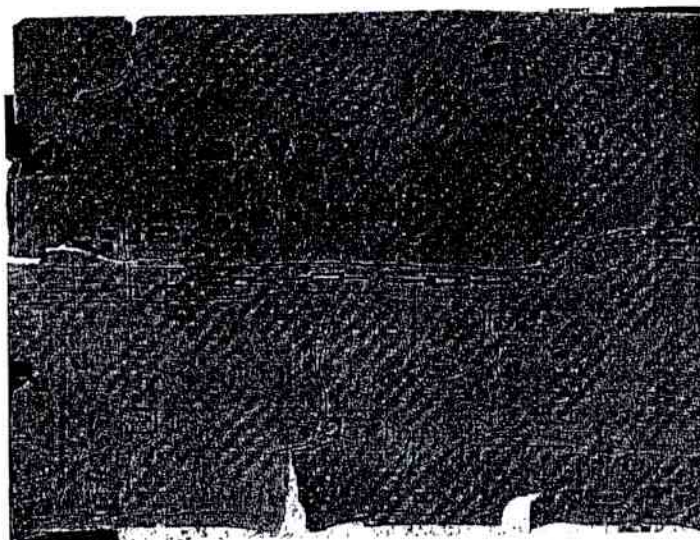


Fig. 23. Mapa identificando a comunidade de Tamaqui, para o processo de Reconhecimento pela Fundação Cultural dos Palmares

Após as visitas e os contatos com as lideranças locais, ficou claro para a equipe do projeto que havia ainda um longo caminho para a mobilização e conscientização dessas comunidades, do ponto de vista do auto-reconhecimento enquanto remanescentes de quilombos. De todas essas, a comunidade que havia avançado mais tinha sido a comunidade de Tamaqui, mas que mesmo assim não havia ainda encaminhado nenhum pedido à Fundação Cultural Palmares e necessitava ainda, segundo Dona Onorina, de muita discussão na Associação de Moradores.



(Salvador – Feira de Santana); BR 116 (Feira de Santana – Entroncamento da BR 262) e BR 262 (até Xique-Xique – Estrada do Feijão).

Relevo

O relevo do município caracteriza-se pela presença das seguintes formações: pediplano sertanejo, várzeas, terraços aluviais.

Clima

A temperatura média anual na sede: médias das máximas 35°C, médias das mínimas 25°C. O clima característico da região é quente e seco, com alta temperatura e chuvas torrenciais. Entre os meses de abril e outubro, ocorre a época da seca com temperaturas mais baixas, sobretudo nos meses de julho. Os meses mais quentes são outubro e novembro. O clima da sede de Xique-Xique segundo a classificação de Koppen é Bsw“h”.

Vegetação

Encontramos em Xique-Xique a vegetação do típica do Bioma Caatinga com seus vários estratos, a Caatinga Arbórea, Caatinga Arbustiva encontrando espécies como a carnaubeira *Copernicia cerifera* o mandacará (*Cereus jamacaru*), xique-xique (*Pilocereus gounellei*), macambira (*Bromelia laciniosa*); e as frutíferas, tais como: umbu (*Spondias tuberosas*), umburana de cambão (*Bursera leptophleas*) e umburana de cheiro.

Também encontramos na região do Rio São Francisco a Mata-Ciliar, as Florestas de Várzeas ambientes característicos das diferentes áreas edáficas existentes no município. Em algumas localidades podemos encontrar a Floresta Estacional com seus representantes típicos a baraúna (*Schinus terebenthifolius*), tamboril (*Euterolobium tamboril*), angico (*Anadenanthera macrocarpa*), Jatobá (*Hymenaea courbaril*) e Umburana de Cambão (*Bursera leptophlocos*).



Na região de várzea, essas áreas refletem os efeitos das cheias do rio na época chuvosa ou das depressões alagáveis todos os anos. Os gêneros *Typha*, *Cyperus* e *Juncus* estão presentes nesta região. As gramíneas e as ciperáceas recobrem grande parte destes terrenos intercalados por espécies das famílias *melastomataceae*, *Salvinaceae*, *Pontederiaceae*, *Nyphaceae*, *Leguminosaceae* e *Alismataceae*. Presença de espécie como: brejo (*Echinodoreos Latifolius*), Sagitária (*Sagitária Lacifolia*), Aguapé (*Eichornia Crarsipes*), Vitorinha (*Nymphaea Rudgeana*). A presença de diversas macrófitas, Aguapé (*Eichornia Crarsipes*) e brejo (*Echinodoreos Latifolius*), funcionam como abrigo para diversas espécies de aves aquáticas.

Fauna

Na área Rural de Xique-Xique encontramos muitas espécies de animais silvestres, dentre os mamíferos encontramos veado catingueiro *Mazama guazoubira* (Cervidae), o Tayassuidae *Pecari tajacu* conhecido na região como catitu espécies muito caçadas até os dias de hoje. Encontramos os edentados como tatus *Dasypus*, *Euphractus* e o Tamanduá Mirim *Tamandua tetradactyla*, além desses mamíferos mais conhecidos pela população local, encontramos a raposa *Cerdocyon thous*, o graxaim *Procyon cancrivorus* freqüentando principalmente as áreas de várzeas e próximo aos riachos temporários que desembocam no Rio São Francisco. Além desses animais utilizados como animais de caça, encontramos a Onça-bodeira o *Puma concolor*, os gato-do-mato pequenos, o gato-mourisco *Hepailurus yaguaroundi* dentre outros mamíferos de pequeno-porte como o gênero *Cavia*, e também encontramos o roedor de grande porte em algumas áreas do Rio São Francisco a Capivara *Hydrochoerus hydrochaeris*.

Dentre as espécies de Aves encontramos a Siriema, a ema *Rhea americana* um animal muito caçado na região que esta chegando no seu desaparecimento, muitos falconiformes, como o gavião caboclo, as corujas, e os passeriformes no geral. Dentre os répteis, encontra-se no interior de Xique-Xique, as cobras como a cascavel, a jararaca ambas pertencentes a família viperidae, a cobra-coral



pertencente ao gênero *Micrurus*, os calangos e Bribas e o famoso lagarto teiú *Tupinambis merinae*. A região de Xique-xique é uma das áreas mais estudadas no nordeste pela seção de Herpetologia do Museu de Zoologia da USP, principalmente pelos trabalhos de Troufaut.

Unidades de Conservação:

Área de Proteção Ambiental Dunas e Veredas do Baixo Médio São Francisco

Xique-Xique possui um caráter diferencial dos demais municípios na beira do Rio São Francisco possui uma das maiores unidades de conservação do Estado da Bahia a APA de Dunas e Veredas do Baixo Médio São Francisco com uma área de 1.085.000,00 ha, sua criação tem como objetivo principal a proteção de centenas de veredas ali existentes, além das extensas elevações de areia que mudam de forma de acordo com a direção e força dos ventos as Dunas do São Francisco. Essa é uma formação geológica única no Nordeste brasileiro. A APA Dunas e Veredas do Baixo Médio São Francisco está localizada numa região que apresenta clima semi-árido. Está localizada entre o baixo e médio cursos do Rio São Francisco, abrigando muitas espécies de animais. Faz limite ao norte com a Vereda Pimenteira, ao sul, com o Rio Grande, a leste, com a margem direita do São Francisco, e, a oeste, com os 150 km da Serra do Estreito, que impressiona pela densa floresta, pelos afloramentos rochosos e pela forma muito comprida e estreita. As características dos ecossistemas encontrados na APA são baseados na formação de caatinga, veredas e dunas móveis.

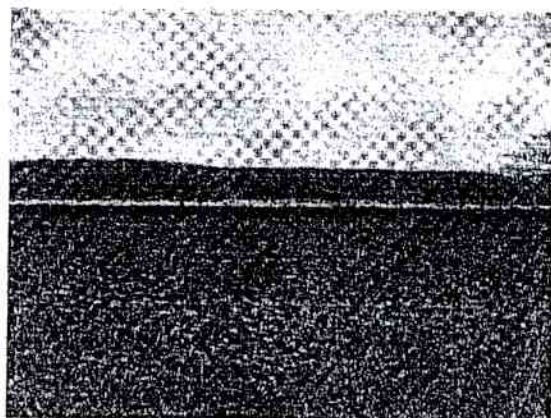


Fig. 26. Vegetação de Veredas em Xique-Xique

Criação Animal

A suninocultura na área rural de Xique-Xique e também em algumas localidades da área urbana do Município de Xique-xique é desenvolvida de uma forma direta, sendo que os animais encontram-se soltos e em contato direto com a população humana, ao redor de suas casas, onde crianças entram em contato diário com as fezes e os dejetos dos suínos prejudicando a sua saúde, sendo provável a presença de cisticercose constante nas comunidades rurais.

O desenvolvimento de criação de cabras e ovelhas é a principal fonte de proteína animal nas comunidades de sequeiro das comunidades quilombolas, sendo realizada de uma forma semi-intensiva e com técnicas rudimentares dos cercados para os animais, não ocorrendo a vacinação e a vermifugação nem o manejo reprodutivo das criações. Também encontramos o desenvolvimento da caprinovinocultura de fundo de pasto na zona rural de Xique-Xique.

A Bovinocultura também é encontrada nas comunidades tradicionais na zona rural de xique-xique possuem entre 2 a 50 cabeças de gado e a forma de manejo é semi-extensiva. Os animais nos povoados do interior de Xique-Xique também se desenvolvem de uma forma intensiva e extensiva. Ocorrendo manejo rotacional de pastagem para os bovinos, em um determinado período do ano. Em outro período do ano os rebanhos de gado encontram-se nas ilhas locais do Rio São Francisco,

8

202



alem da criação, as ilhas também são usadas para as plantações de uma agricultura de subsistência. Nas épocas de cheias o rebanho é deslocado para outras áreas fora das ilhas.

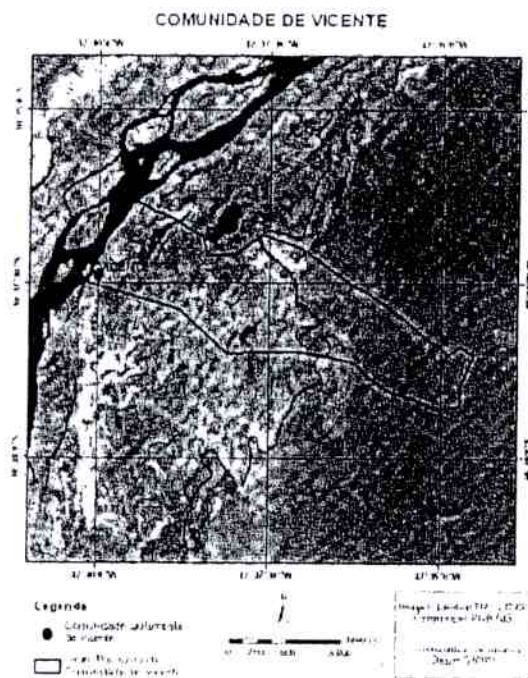
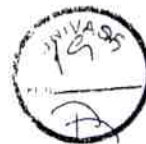
Também nas comunidades do interior de Xique-Xique encontramos a criação de "galinha-capoeira" também conhecida como galinha caipira em outras regiões do Brasil, também esses animais são criados soltos, pastando pelo quintal, e em outras áreas dentro da comunidade.

A região das várzeas e as ilhas do Rio São Francisco na região de Xique-Xique são áreas de grande intensidade de uso pelas comunidades tradicionais, utilizando de espécies de gramíneas naturais que recobrem grande parte destes terrenos para o pasto dos animais

Comunidade Quilombola do Vicente no Município de Xique Xique

A Comunidade Quilombola de Vicente no Município de Xique –Xique possui uma Associação denominada Associação do Povoado dos Vicentes fundada em 10 de março de 2004 cujos limites do território são aproximadamente de 6 x 4 km, a partir da margem do Rio SF, até a Serra da Rapadura também chamada de Serra Olho d'Água / Serra do Rosendo / Serra do Roldão. É para a serra que a comunidade se muda, tradicional e periodicamente, durante o período da cheia do rio.





A Ilha João Vieira, no rio SF, também faz parte do território, i.é. é utilizada tradicionalmente pela comunidade para plantação e criação.

Contato da Associação de Moradores do Vicente: (74) 9994.3592 – Sr. José Antônio. Maria – secretária. O Auxílio para a identificação e reconhecimento de comunidade quilombolas esta sendo trabalhado pelo seu Hamilton da Pastoral da Terra de Barra e Ibotirama.

A comunidade é composta de aproximadamente 25 casas – entre 150 e 250 moradores.

A Sra. Maria Pereira Balbina (86 anos) é a moradora mais velha. Ela conta que 3 irmãos e 3 irmãs que casaram entre si e deram início à comunidade (Pereira, Sanches, Martins, as famílias mais antigas), sendo o fundador reconhecido por todos o Sr. Vicente (há mais de 150 anos), o que deu nome à comunidade.



Fig. 27. Sra. Maria Pereira Balbina

O Presidente e a Secretaria da Associação informaram que já haviam enviado documentação à Fundação Cultural Palmares solicitando o reconhecimento e que estavam aguardando a resposta, no tempo em estávamos visitando a comunidade.

Escolaridade

A comunidade de Vicente possui uma escola de ensino fundamental administrado pela Prefeitura de Xique-Xique. Escola Jose Sancho Martins.

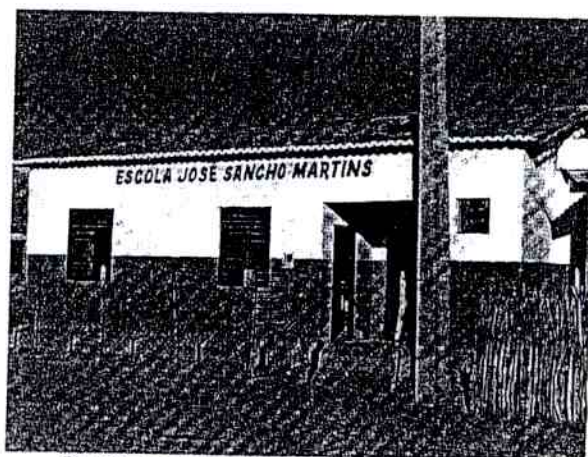


Fig. 28. Escola Municipal na Comunidade de Vicente

205



Fig. 29. Igreja na Comunidade de Vicente

Criação de Animais.

A Comunidade trabalha com várias criações; caprinos, ovinos, suínos, sendo a maioria a criação de caprinos. Na comunidade quilombola de Vicente a maioria da Comunidade tem como principal criação os ovinos e caprinos. Mas, também na comunidade as casas criam de uma forma extensiva as galinhas capoeiras e os suínos que ficam soltos nas ruas da comunidade.



Fig. 30. Criação extensiva de Suínos livres nas vias de acesso na comunidade de Vicente.

206



JUAZEIRO

Comunidade Quilombola Barrinha da Conceição - Município de Juazeiro

O acesso à comunidade é realizado pela estrada entre Juazeiro e Sobradinho antes da entrada do Rodeadouro pela BA 210.

Presidente da Associação: Sr. Gilberto Santos Oliveira.

Histórico da Comunidade Barrinha da Conceição:

O senhor Gilberto é filho de Roberta Maria dos Santos Oliveira e Pedro de Oliveira.

Na comunidade existe ainda outro núcleo a Vieira, Prima da D. Roberta, a Senhora Rosalice Vieira dos Santos.

Dona Rosalice teve dois filhos: João Honorato Vieira dos Santos; possui cinco filhos: Aline, Adriana, Maiara, Amanda, Marcelo e um neto; e Florisvaldo Vieira dos Santos que possui dois filhos Rafael e Gabriela.

Barrinha da Conceição surgiu de uma outra comunidade existente na ilha do Massangano, encontrando-se ainda os familiares mais antigos dos Vieiras e Oliveiras habitando esta comunidade.

Sr. Gilberto Santos de Oliveira morava na Comunidade do Massangano com seus pais, D. Roberta e Sr. Pedro que trabalhava na ilha e na Barrinha, após a morte do Sr. Pedro, Sr. Gilberto passou a morar com sua mãe e irmãos na Barrinha da Conceição.

O Trabalho de auto-identificação da comunidade vem sendo realizado pela CPT de Juazeiro. Em 2004, realizou-se uma viagem por Marina Rocha, componente da Pastoral da Terra para explicar o surgimento das comunidades quilombolas no Brasil.



Agricultura

O principal cultivo na época era o de aipim, batata, feijão e arroz que ainda prevalece nos dias atuais, onde essas culturas são cultivadas na própria comunidade nas margens do rio São Francisco quando o nível da água esta baixa.

"A roça hoje está mais desse lado que na ilha, porque aqui tem uma vazante e do outro lado tem um terreno que é barro, melhor para plantar..." Gilberto...

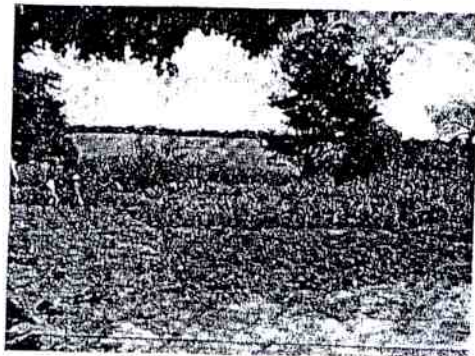


Fig. 31. Agricultura de subsistência na margem do Rio São Francisco – Barrinha da Conceição

Saneamento

A irrigação e o fornecimento de água para a comunidade é feita através de uma bomba elétrica, que leva água direto do rio para as residências sem receber qualquer tratamento.

Quando na época de enchentes o acesso a área de plantação é feita através de uma "ponte" improvisada.



198
A

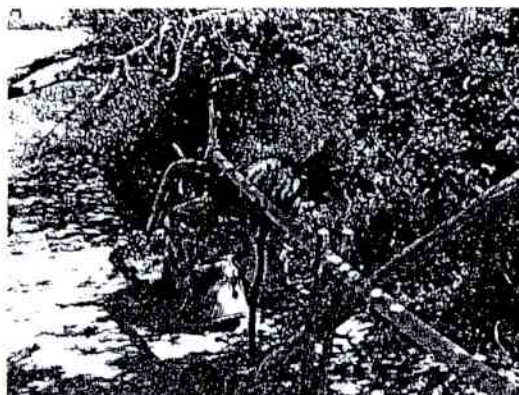


Fig. 32 Captação de água

Criação Animal

As famílias têm um sistema de criação animal semi-extensivo e intensivo, onde são encontrados Avicultura, Ovinocultura e suinocultura; os ovinos são criados em regime semi-extensivo e os suínos em regime intensivo já as galinhas e patos são criados de forma extensiva " fundo de quintal".



Fig. 33. Criação de suínos em confinamento

209



Saúde

Na comunidade atualmente vivem 16 famílias, cadastradas no posto de saúde municipal pertencente ao bairro Dom José Rodrigues Município de Juazeiro, próximo ao local onde são realizados atendimento médico e dentista, existe também a visita de um agente de saúde de forma não muito freqüente pois este atende duas comunidades.

Educação

Não existe escola na comunidade, então, a população estuda na escola do Rodeadouro, o transporte é oferecido pela prefeitura de Juazeiro.

A religião predominante é católica, onde o próprio presidente da associação que é missionário realiza as celebrações, encontros de missionários leigos que são realizados na sede da associação, e tem um curso de formação de missionários com duração de dez (10) dias que acontece na localidade de Carnaíba. A sede da Associação foi construída em mutirão com outras comunidades circunvizinhas, nesta sede são realizadas também reuniões quinzenais com todas comunidades que ficam instaladas na própria sede.

Nas proximidades de Barrinha da Conceição existem outras comunidades conhecidas pelos quilombolas são: Alagadiço, Sabiá, Rodeadouro;

210



Comunidade Quilombola Barrinha Do Cambão - Município de Juazeiro

A existência dessa comunidade foi documentada através do documentário da Petrobrás sobre as comunidades quilombolas da Bahia. Segundo a Presidente da Associação é a Sra. Miralva Ramos esta comunidade possui uma resistência de alguns moradores em relação do Reconhecimento da Associação e do auto-reconhecimento como Comunidade Quilombola. Na comunidade existem aproximadamente 60 famílias, ocorrendo dois núcleos familiares: Rodrigues Ramos e Conceição Santos.



Fig. 34. Sra. Miralva Ramos Presidente da Associação Barrinha do Cambão.

Saúde

A Comunidade é atendida pelo Programa PSF, mas também o pessoal se desloca para o Projeto de Irrigação Mandacaru local onde possui um posto de saúde. Os principais problemas de saúde são desnutrição, calazar dentre outros.



Saneamento

A água é fornecida pela Associação Tourão, sem tratamento e algumas vezes os agentes de saúde distribuem cloro, o fornecimento de água é gratuito.

A comunidade é dividida por um canal entre a Associação Tourão e algumas fazendas privadas.

Criação Animal

Tipos de criação: avicultura (fundo de quintal), caprinos e bovinos que criam de forma extensiva.

BOM JESUS DA LAPA

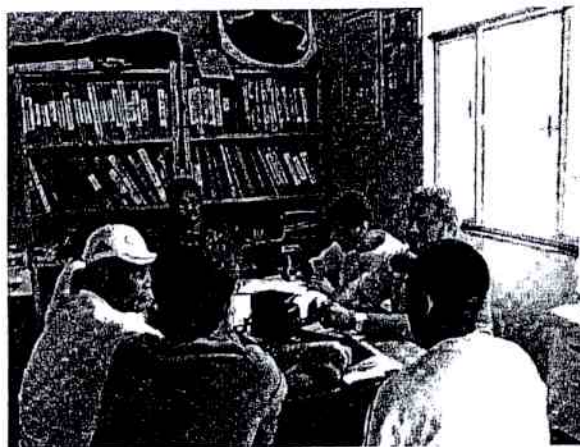


Fig. 35. Reunião com a CPT (Comissão Pastoral da Terra em Bom Jesus da Lapa)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO RIO SÃO FRANCISCO



Comunidade Quilombola – Araçá – Cariaca – Bom Jesus da Lapa.

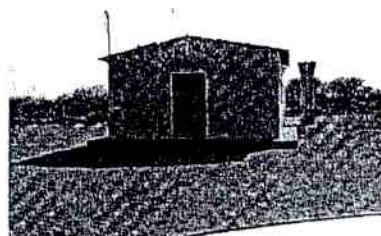
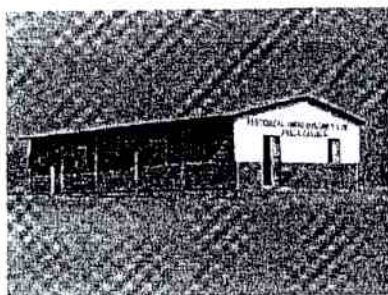


Fig. 36. Casa da Associação e de Artes da Comunidade Araçá-Cariaca



Fig. 37. Presidente da Associação Quilombola Araçá-Cariaca – Bom Jesus da Lapa BA

213



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO RIO SÃO FRANCISCO

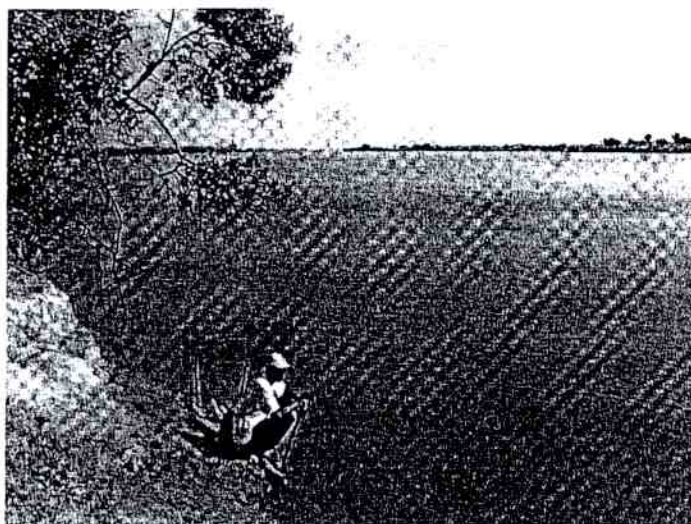


Fig. 38. Rio São Francisco – Araçá-Cariaca

214

Considerações Finais

A realização do Diagnóstico Espacial das Comunidades Quilombolas das áreas de marinha ao longo da Calha do Rio São Francisco, agregando à sua dimensão territorial e seus recursos naturais e também os seus aspectos históricos, culturais, econômicos processou-se ao longo de oito (8) meses de trabalho possibilitando a identificação de uma ocupação territorial distribuída espacialmente entre as regiões do Alto, Médio Sub-Médio e Baixo São Francisco. Esta "variação" espacial também se estendia para outras áreas de influência que se interligavam com questões ambientais e sociais, dentre outras, que devem ser merecedoras de atenção e de estudos complementares focados em critérios etnográficos e legais, como forma preventiva para que o Estado possa resguardar, proteger e consolidar os direitos das comunidades tradicionais, dentro de uma concepção única e focada nas suas características de agrupamento social único, que não deve ser abordado no bojo de políticas de assentamentos rurais ou assemelhadas, o que introduz um grande risco de conflitos com a legislação ambiental.

A realização do trabalho contou com dificuldades iniciais quanto à localização e o enquadramento prévio das Comunidades que deveriam ser objeto do estudo e evidenciou grandes divergências locais e regionais quanto a real situação das comunidades remanescentes de Quilombos ao longo da calha do Rio São Francisco. Várias comunidades ainda não estavam suficientemente esclarecidas sobre a concepção do que efetivamente se constituía uma autodenominação e um auto-reconhecimento, "QUILOMBOLAS".

A abordagem para o estudo teve que ser feita depois de repetidas interlocuções e expedição, com os representantes do INCRA e das Comunidades, estabelecendo *in loco* um processo comunicativo que pudesse interagir positivamente com o trabalho.

O relatório ora apresentado traz uma importante contribuição para o entendimento do que efetivamente deve ser considerado para que as atuais comunidades, principalmente aquelas trabalhadas pelo projeto, possam buscar a sua verdadeira identidade étnica e territorial. Possibilitou acima de tudo a constatação de que existe uma grande quantidade de comunidades esperanças e motivadas por serem atendidas pelos atores (governamentais e não



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO RIO SÃO FRANCISCO



governamentais) auxiliando-os nos seus reconhecimentos e delimitações territoriais, como vai mostrado na Tabela 1, em anexo.

Finalmente fica um registro que pela complexidade e pelo estado de arte atual das comunidades identificadas e visitadas pelo projeto, ainda será requerido das políticas públicas atinentes ao tema, um longo período de esforço concentrado para viabilizar um aprofundado diagnóstico, que contemple na sua essência os valores e os passivos que se pretende resgatar e reconhecer em relação às Comunidades Remanescentes de Quilombos, mais conhecidos por "QUILOMBOLAS", em particular aquelas ao longo da calha do Rio São Francisco.

Petrolina, PE, em 13 de maio de 2008.

Prof. Luiz Cezar Machado Pereira
Univasf - Coordenador Técnico

Prof. Guilherme Medeiros
Univasf – Membro da Equipe

Prof. Paulo Cesar da Silva Lima
Univasf – Membro da Equipe





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, 2005 Programa Brasil Quilombola. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), 48 páginas.

CARVALHO, J. A Experiência Histórica dos Quilombos nas Américas e no Brasil.

CATHARINA, A. Direito Coletivo das Comunidades Remanescentes de Quilombos: Rupturas e Continuidades no Sistema Jurídico Brasileiro.

FIABANI, A. 2007. O Quilombo antigo e o quilombo contemporâneo: verdades e construções. Associação Nacional de História ANPUH XXIV Simpósio Nacional de História.

FLORENTINO, M. et al. 2004. Aspectos Comparativos do Tráfico de Africanos para o Brasil (Séculos XVIII e XIX). Afro-Ásia 31:83-126.

FRANCO, E.A.P. & BARROS, R.F.M. 2006 Uso e diversidade de plantas medicinais no quilombo Olho D'água dos Pires. Município de Esperantina, Piauí. Ver. Brás. Pl., Méd. Botucatu. V.8, p.78-88.

HURTADO, A. et al. 2002 .Plano Regional de Desenvolvimento Sustentável. Contribuição ao Debate do CNDRS sobre Estratégias de Desenvolvimento Rural Sustentável. INCRA ;FAO, Brasília, Abril 2002

INCRA, 2005 Relatório Técnico de Identificação da Comunidade Quilombola de Linharinho, Município de Conceição da Barra – ES. INCRA/APAGEES/UFES. 196 páginas.

INCRA, 2007 Relatório Antropológico de Reconhecimento e Delimitação do Território da Comunidade Quilombo Família Magalhães, Município de Nova Roma, Estado de Goiás. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Fevereiro de 2007.

9

217



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO RIO SÃO FRANCISCO



REIS, D. M. Dança dos Quilombo Afro-Ásia N.17. p.15.

SILVA, V. S. 2000 Rio das Rãs á Luz da Noção de Quilombo. UFBA. Afro-Ásia N. 23.

TEIXEIRA, L.A.; & LIMA, D. G. Agricultura Familiar: Terra, Produção Organização Social das Comunidades Remanescentes de Quilombo no Estado de Mato Grosso do Sul.

UFBA, 2005. Relatório Técnico de Identificação, Delimitação e Demarcação da Comunidade Quilombola Lagoa do Peixe. Município de Bom Jesus da Lapa Bahia. Universidade Federal da Bahia, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária e Universidade do Estado da Bahia. Agosto.180 paginas.

UFBA, 2006. Relatório Técnico de Identificação e Delimitação e Demarcação da Comunidade Quilombola Sacutiaba e Riacho de Sacutiaba, Município de Wanderely. Universidade Federal da Bahia, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária e Universidade do Estado da Bahia. 129 paginas.

UFES, 2006. Relatório Técnico de Identificação e Delimitação da Comunidade Remanescente de Quilombo de Serraria e São Cristóvão – Município de São Mateus Espírito Santo. INCRA/APAGEES;UFES.

VERAN, J.F. 2000 Rio das Rãs Memória de uma Comunidade Remanescente de Quilombo UFBA p. 295-323.

258

ANEXO



Quadro 1. Comunidades Quilombolas inseridas nos limites da Margem e Calha do Rio São Francisco e seus afluentes

Nº de Ordem	Nome da Comunidade	Município	Reconhecimento F.C. Palmares	RTID	TITULAÇÃO TERRITÓRIO
1	Proj. Esp. Quilombola Rio das Rãs	B. Jesus da Lapa BA	Reconhecida pela FCP 19/5/2004		
2	Rio das Rãs	B. Jesus da Lapa BA	Ass. INCRA com Quilombola		
3	Campo Grande II	B. Jesus da Lapa BA	Ass. INCRA com Quilombola		
4	Nova Volta	B. Jesus da Lapa BA	Ass. INCRA com Quilombola		
5	Santa Rita Bandeira	B. Jesus da Lapa BA	Ass. INCRA com Quilombola		
6	São Jose Campo Grande	B. Jesus da Lapa BA	Ass. INCRA com Quilombola		
7	Batalha	B. Jesus da Lapa BA	Ass. INCRA com Quilombola		
8	Nova Batalhinha	B. Jesus da Lapa BA	Reconhecida Pela FCP	RTID	
9	Curral das Vargens	B. Jesus da Lapa BA	Ass. INCRA com Quilombola		
10	Conceição I	B. Jesus da Lapa BA	Ass. INCRA com Quilombola		
11	Projeto Especial Quilombola Pirombeira	B. Jesus da Lapa BA			
12	Araçá-Cariacá	B. Jesus da Lapa BA	Reconhecida pela FCP 20/10/2005		
13	Tomé Nunes	B. Jesus da Lapa BA	Reconhecida pela FCP 24/9/2004		
14	Bebedouro	B. Jesus da Lapa BA			
15	Volta-Cariacá	B. Jesus da Lapa BA	Reconhecida pela FCP 10/5/2004		
16	Piranhas	B. Jesus da Lapa BA	Reconhecida pela FCP 21/7/2005	RTID	
17	Lagoa do Peixe		Reconhecida pela FCP	RTID	
18	Barra-Parateca	B. Jesus da Lapa BA	Reconhecida pela FCP 8/12/2005		
19	Feirinha Marrequinho	Carinhanha BA	Ass. INCRA com Quilombola		
20	Angico	Carinhanha BA			
21	Barra do Parateca	Carinhanha BA			
22	Barrinha	Carinhanha BA			
23	Canabrava	Carinhanha BA			
24	Estreito	Carinhanha BA			
25	Garrido	Carinhanha BA			
26	Lagoa do Zeca	Carinhanha BA			
27	Ramalho	Carinhanha BA			
28	Três Ilhas	Carinhanha BA			

45

979



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO RIO SÃO FRANCISCO



29	Caatinga de Nossa Senhora da Conceição	Carinhanha BA	Ass. INCRA com Quilombola		
30	Boqueirão e Outras	Carinhanha BA	Ass. INCRA com Quilombola		
31	São Lucas	Carinhanha BA	Ass. INCRA com Quilombola		
32	Brasilândia	Carinhanha BA	Ass. INCRA com Quilombola		
33	Gerais Salinas/Caatinga de N. Srª Conceição	Carinhanha BA	Ass. INCRA com Quilombola		
34	Mel de Abelha	Carinhanha BA	Ass. INCRA com Quilombola		
35	Parateca/Pau Darco	Malhada BA	Reconhecida pela FCP. Palmares Dez.2004	RTID	2006
36	Rumo ao Rio	Malhada BA	Ass. INCRA com Quilombola		
37	Marrecas	Malhada BA	Ass. INCRA com Quilombola		
38	Jatobá	Muquem do São Francisco BA	Reconhecida pela FCP. 2004	RTID	Parte Titulada 14/11/2007
39	Serra Branca	Muquem do São Francisco BA	Ass. INCRA com Quilombola		
40	Anice	Muquem do São Francisco BA	Ass. INCRA com Quilombola		
41	Santa Bárbara	Muquem do São Francisco BA	Ass. INCRA com Quilombola		
42	Brejo de São José	Riacho de Santana BA	Ass. INCRA com Quilombola		
43	Reserva Oeste	Serra do Ramalho BA			
44	Curimatá/CSB	Serra do Ramalho BA			
45	Extrativista São Francisco	Serra do Ramalho BA			
	Mangal/Barro Vermelho	Sítio do Mato			
	Mangal II	Sítio do Mato BA	Ass. INCRA com Quilombola		
47	Barro Vermelho	Sítio do Mato BA	Ass. INCRA com Quilombola		
	Mangal I	Sítio do Mato BA	Ass. INCRA com Quilombola		
49	Talismã	Sítio do Mato BA	Ass. INCRA com Quilombola		
50	Reunidas José Rosa	Sítio do Mato BA	Ass. INCRA com Quilombola		
51	Riacho dos Cavalos	Sítio do Mato BA	Ass. INCRA com Quilombola		
52	Vale Verde	Sítio do Mato BA	Ass. INCRA com Quilombola		
53	Nova Esperança	Sítio do Mato BA	Ass. INCRA com Quilombola		

220



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO RIO SÃO FRANCISCO



94	Fazenda Itacutiara	Barra BA	Ass. INCRA com Quilombola		
95	Barro Vermelho;Canudos	Barra BA	Ass. INCRA com Quilombola		
96	Ferradura	Barra BA	Ass. INCRA com Quilombola		
97	Angico	Barra BA	Ass. INCRA com Quilombola		
98	Curral do Rio Grande II	Barra BA	Ass. INCRA com Quilombola		
99	Uirapuru	Barra BA	Ass. INCRA com Quilombola		
100	Sítio Novo	Barra BA	Ass. INCRA com Quilombola		
101	São Francisco	Barra BA	Ass. INCRA com Quilombola		
102	Cupira	Santa Maria da Boa Vista PE	Reconhecida pela FCP, Palmares 2008		
103	Serrote	Santa Maria da Boa Vista PE	Reconhecida pela FCP, Palmares Maio.2008		
104	Inhanhum	Santa Maria da Boa Vista PE	Ass. INCRA com Quilombola		
105	Tamaquilú	Santa Maria da Boa Vista PE	Ass. INCRA com Quilombola		
106	Saruê	Santa Maria da Boa Vista PE	Ass. INCRA com Quilombola		
107	Curral Novo	Santa Maria da Boa Vista PE			
108	Massangano	Petrolina PE			
109	Cruz do Riacho	Cabrobo - PE			
110	Fazenda Bela Vista	Cabrobo - PE			
111	Fazenda Santana	Cabrobo - PE			
112	Jatobá	Cabrobo - PE			
113	Riacho de Sacutiaba/ Sacutiaba	Wanderley - BA			
114	Boa Vista	Pilão Arcado - BA			
115	Silva	Pilão Arcado - BA			
116	Alto Silva	Pilão Arcado- BA			
117	Vila Aparecida	Remanso - BA			
118	Negros	Remanso - BA			
119	Andorinhas	Sento Sé - BA			
120	Riacho Grance	Casa Nova -BA			
121	Mucambo	Casa Nova - BA			
122	Lagoa dos Campinhos	Amparo do São Francisco - SE		RTID	

* a maioria requer o desenvolvimento do RTID (Relatório Técnico de Identificação e Delimitação).